Ano 4 • nº 46 • 2007 • www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola

NÓS DA ESCOLA

RIO PREFEITURA EDUCAÇÃO MULTIRIO

A magia das histórias infantis

ISSN 1676-5141

RIO 2007 XV jogos pan-americanos

Prefeitura do Rio

Este investimento vale ouro para a Cidade.

Cesar Maia
Prefeito

Sonia Mograbi
Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis
Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio
Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme
Diretora do Núcleo de Publicações e
Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno
Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita
Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz
Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL
Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvya Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária /SME)

CONSELHO DE COLABORADORES
Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Letícia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE) • **Sueli Batista** (10ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO
GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda**
GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira** (editora) • **Renata Petrocelli** (subeditora)• **Fábio Aranha, Carolina Bessa e Bete Nogueira** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão)
GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação)**, Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar** (designers) • **Vivian Ribeiro** (produção gráfica)
Alberto Jacob Filho (fotografia)
Impressão: Cidade América Artes Gráfica
Tiragem: 36.500 exemplares

RIO PREFEITURA EDUCAÇÃO MULTIRIO

EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.
Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210
www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Desenho da aluna Ana Clara Bernardino Mandarino
10 anos – 4ª série
E. M. Alagoas (Pilares, 3ª CRE)

Capa:
Foto: Alberto Jacob Filho
Modelo: Luigi Isidoro Lopes Mazza
Direção de arte: Adriana Simeone e Gustavo Cadar

NÓS DA ESCOLA
ano 4 • nº 46/2007

4 editorial
5 cartas
6 ponto e contraponto
Histórias que o corpo conta
11 pan 2007
Américas de todos os ritmos
14 contos americanos
Sombra – uma parábola
16 carioca
O mundo encantado da Ebal
18 século XX1
Pan 2007 na tela do monitor
19 parceria
Alô, alô, amigos ouvintes...
21 rede fala
Currículo: tempo e espaços
22 olho mágico
Mistérios da velha senhora
23 professor on line
Ponha suas idéias no papel
24 caleidoscópio
Nova organização da escola
26 capa
Sem limites para os sonhos
32 artigo
Não é tarefa simples escrever às crianças
34 atualidade
Animais em risco de extinção
37 presente do futuro
O incrível mundo de Pinóquio
40 pé na estrada
Exercício político na escola
Pelas lentes de uma criança
45 perfil
Os fantasmas do Municipal
47 foi assim
Pólvora que virou semente
49 tudoteca
50 MULTIRIO na TV

Sônia Mograbi
Secretária municipal
de Educação

Narrativa e fantasia

As narrativas na literatura infantil e juvenil estão no centro das discussões deste número de NÓS DA ESCOLA, que ouviu escritores falando de suas produções e especialistas no assunto. Mostramos também como cada vez mais autores brasileiros, como Ana Maria Machado e Lygia Bojunga, se projetam no mercado internacional e recebem prêmios.

Ponto e contraponto ouviu a bailarina, musicista e professora Angel Vianna, que dedica a sua vida à expressão corporal e conta como ensinou mais de uma geração a conhecer seus movimentos e a se expressar através deles.

Imprescindível para a formação e desenvolvimento do ser humano, a fantasia, componente importante da infância, deve ser incentivada e valorizada, mas quais são os seus limites? Especialistas foram ouvidos para orientar pais e professores, na seção *Presente do futuro*.

Neste ano de 2007, do Pan no Rio de Janeiro, mostramos os estilos musicais que se destacam de norte a sul no continente americano, assim como, preparando as comemorações dos 200 anos da vinda da família real, no ano que vem, contamos histórias do Jardim Botânico, fundado em 1808.

Trabalhando em parceria, três secretarias da Prefeitura (Comunicação, Educação e Assistência Social) estão desenvolvendo o projeto Rádio Escola Rio que, além de capacitar os discentes na utilização deste importante meio de comunicação, inclusive com a comunidade do entorno, estende o horário escolar e vem contribuindo para o melhor desempenho de nossos alunos.

Este número da revista é especial para nós professores, contadores de histórias e preocupados com a formação do sujeito-leitor. Boa leitura.

Informática

Gostaria de agradecer a menção feita pela edição 44 aos projetos que venho desenvolvendo junto aos alunos do PET José Emygdio [Oswaldo Cruz, 5ª CRE], algo que, com certeza, nos dará uma motivação a mais para os trabalhos que estaremos realizando em 2007.

Aproveito o momento para obter uma informação: acabei de escrever um artigo sobre a questão da universalização do acesso e apropriação dos meios digitais e o uso dos *softwares* livres na educação. Em 2007, na rede municipal, teremos novos laboratórios de informática rodando o sistema operacional GNU-Linux, com aplicativos em *software* livre, o que provocará uma situação de fragilização de paradigmas, pelo fato de o Windows ser o sistema que predomina em nossos micros.

Desta forma, essa é uma discussão absolutamente necessária, até mesmo para desmanchar certos mitos sobre *softwares* livres.

Gostaria de saber como posso submeter o texto à análise da revista. Como o assunto mereceu um certo nível de aprofundamento, ele ficou bem mais extenso do que eu imaginava, cerca de 12 laudas.

Vitor Nunes
Professor do PET José Emygdio e especialista em informática educativa

- Nossos artigos têm um tamanho padrão de cerca de 5.500 caracteres. Se o professor quiser nos enviar uma versão editada de seu trabalho, teremos satisfação em avaliá-lo.

Pan

Sou coordenadora da E. M. Mário da Veiga Cabral [Tijuca, 2ª CRE] e gostaria de sugerir como tema para a seção *Pan 2007* mapas dos países, bandeiras, mascotes, símbolos, contos de diversos autores do continente americano... Espero que a revista e o *site* trabalhem com os Jogos desde fevereiro, pois até julho será um assunto muito explorado pelas escolas e todas as sugestões devem chegar o mais rápido possível.

Sheila Sicinio
Professora da E. M. Mario da Veiga Cabral

- NÓS DA ESCOLA agradece as sugestões, algumas delas já contempladas nas seções *Pan 2007* e *Contos americanos*.

Redações

Peço, se possível, a publicação nesta revista de algumas redações produzidas em sala de aula por nossos alunos, a partir dos títulos de algumas novelas. O objetivo é valorizar as atividades realizadas pelos discentes e elevar-lhes a auto-estima, através de uma pequena amostra da criatividade e capacidade que demostraram durante a execução da proposta.

Denise de Almeida Jardim
Professora I de Língua Portuguesa E. M. Emílio Carlos [Guadalupe, 6ª CRE]

- As redações serão aproveitadas e publicadas posteriormente em uma matéria que prepararemos sobre a narrativa dos folhetins.

Desenhos

Professor, NÓS DA ESCOLA está recebendo desenhos de seus alunos para publicação nas próximas edições. Os trabalhos deverão ser enviados para o Núcleo de Publicações e Impressos da MULTIRIO: Largo dos Leões, 9° andar, sala 908, Humaitá, CEP 22260-210.

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande *e-mail* para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site:* www.multirio.rj.gov.br

Histórias que o corpo conta

As realizações são tantas que poderiam preencher algumas vidas. A idade, ela não comenta. Diz que prefere nem pensar no assunto, por medo de se deixar influenciar pelos números. “Se ficar pensando: ‘Ah, mas já tenho essa idade toda?’, não faço mais nada. Melhor perguntar: ‘Que importância tem isso?’”. Sábia justificativa. Mas quem chega perto de Angel Vianna, bailarina, coreógrafa, professora e pesquisadora em dança, percebe que a preocupação é desnecessária. Desde que abriu sua primeira escola, em Belo Horizonte, em 1956, ao lado do marido, Klauss Vianna, Angel não pára de escrever seu nome na história da dança e da educação no Brasil. Com Klauss (pioneiro na disseminação do conceito de expressão corporal no Brasil), criou uma filosofia de ensino que já formou algumas gerações de bailarinos. Os dois passaram a paixão ao filho, Rainer, que enveredou pelo mesmo caminho e a ajudou a fundar a Escola Angel Vianna, no Rio de Janeiro, em 1983. Na década de 1990, Angel perdeu Klauss e Rainer, mas a semente do trabalho de conscientização corporal criado e desenvolvido pelos três norteia até hoje as ações da escola e também da Faculdade Angel Vianna, fundada em 2001. Lá, ela cuida de cada detalhe com a mesma atenção que dedica a gestos, músculos e corpos. E, inspirada pela interdisciplinaridade que escolheu como caminho, se orgulha de não ter deixado nada para trás – nem mesmo a formação de musicista e escultora, que julga essencial ao percurso traçado na dança. “Sabe quando você sente que não imaginava isso tudo? Tem sido ótimo, porque eu deixo fluir. Acredito muito no impulso de querer e realizar”, constata.

TEXTO RENATA PETROCELLI
FOTOS ALBERTO JACOB FILHO

Você tem dedicado sua vida a orientar nos alunos a busca pela conscientização corporal. Como definiria a importância do conhecimento sobre o próprio corpo na vida das pessoas?

Tomar consciência do movimento é tomar consciência da própria existência. É afinar o instrumento da vida: o corpo. Ao conhecê-lo, gastamos menos energia e atingimos maior eficácia no movimento. Ao entendê-lo, acordamos áreas adormecidas, despertando-as para uma conexão corpo-mente-espírito-vida. Desde a primeira escola que abrimos, eu e o Klauss, não queríamos apenas ficar ensinando passinhos de dança. Queríamos ensinar a importância de se conhecer o corpo. Aí começamos a estudar profundamente a estrutura do corpo: fisiologia, anatomia, cinesiologia... saber que tem osso e músculo é muito pouco. É preciso utilizar tudo isso e pôr o corpo em movimento. Um corpo pensante é bem melhor. É um instrumento maravilhoso que quanto mais você conhece mais quer conhecer.

Dizem que o corpo fala. Como entender as mensagens que enviamos constantemente através do próprio corpo?

Cada corpo tem uma história de vida. Dependendo do grau de tensão ou do estado emocional,

a postura se modifica e o corpo toma atitudes que podem ser lidas. Nossa postura, com maus hábitos, aparentemente normais e cômodos, vai se modificando e acarretando tensões, que se instalam, se acomodam e trancam o corpo. A importância da consciência é a busca do equilíbrio das tensões. Além disso, o corpo pode desmentir ou confirmar a linguagem falada. A verdade não escapa ao nível do gesto, porque nossa história acaba por se escrever no próprio corpo. Muitos tentam modificar sua imagem corporal, o que se caracteriza como uma forma de defesa. A procura da uniformidade pode ser um indício de um desejo inconsciente de querer desviar a atenção do corpo.

Essa procura da uniformidade é uma das marcas da relação do homem moderno com o corpo, certo? As pessoas estão sempre tentando se enquadrar em modelos e padrões ditados pela mídia...

Esta é uma questão que me preocupa muito. É só olhar a juventude hoje em dia para ver que são todos iguais. O corpo é igual, a roupa é igual, o pensamento é igual. E aí, onde fica a individualidade de cada um? A individualidade é a coisa mais importante da minha filosofia, que tento passar adiante aqui na escola e na faculdade. Uniformizar um corpo pensante, um modo de vestir, de agir, é uma maneira de camuflar todo um conhecimento mais profundo de uma ►

individualidade mais presente, mais forte. Sem contar que, no momento em que você escolhe um modelo que não é real para o seu corpo, isso é extremamente prejudicial, tanto fisicamente quanto mentalmente, emocionalmente... Mexe com todos os outros corpos. Porque nós não somos um só corpo, somos diversos corpos.

No que diz respeito ao acelerado ritmo da vida moderna, quais seriam suas conseqüências sobre os corpos dos indivíduos de nossa época?

Nosso corpo, sendo instrumento de vida, logicamente tem de ser bem tratado, em todos os aspectos. É fato que a mecanização e o ritmo acelerado se impõem à vida de maneira nefasta, afastando-nos de nosso próprio ritmo. Mas felizmente este é o momento em que as pessoas têm sido mais cuidadosas com o corpo, trabalhando de maneira mais eficaz, mais atuante e mais responsável. E as numerosas causas de cansaço podem ser eliminadas pela conscientização corporal, ou por uma série de métodos que buscam o máximo de eficácia e o mínimo de desgaste, deixando as funções vitais agirem normalmente. Eu sinto que hoje em dia há uma conscientização muito maior em uma série de trabalhos desenvolvidos com o corpo, inclusive na musculação. Só me preocupa mesmo esta questão da uniformidade.

Além de bailarina, você também se formou musicista e escultora, e se destaca como importante educadora. O que a junção de todas essas atividades ensinou de mais importante?

O corpo sempre me comoveu. A área em que busquei conhecimento foi a das artes. Com a música aprendi a ouvir e a perceber o som: perto, longe, distante, forte, fraco. Este é o grande aprendizado da música, além, é claro, da percepção do conteúdo musical como um todo. A escultura me propiciou a percepção tátil. A utilização de materiais como argila, madeira, gesso, cimento (cada um com sua textura, temperatura e forma) facilitou o tocar, o como tocar, a sensibilização do toque das minhas mãos nos materiais, a percepção de que cada um deles tem as suas características próprias – são como gente. Com a dança veio a capacidade do corpo de se projetar, irradiar, expandindo o espaço. As três artes foram o

ponto de partida para perceber os sentidos. E aí veio a vontade de transmitir tudo isso. Tem gente que aprende as coisas e recolhe, guarda para si. Mas eu precisava doar, precisava que outras pessoas percebessem tudo o que eu achei fantástico da vida.

Sua trajetória resultou num trabalho eminentemente multidisciplinar. Como você entende a importância de olhar o organismo como um todo e trabalhar a autoconsciência a partir de múltiplas linguagens?

A multidisciplinaridade sempre foi um ponto importante na escolha de uma formação. Cada uma das múltiplas linguagens aborda o corpo sob uma perspectiva diferente. Ao serem estudadas, elas se conectam em pontos convergentes. Daí a necessidade de um conhecimento mais profundo do corpo – estrutura óssea, muscular, percepção das articulações em movimento, tridimensionalidade e desenvolvimento dos sentidos. Eu posso me definir como uma pessoa multidisciplinar. Gostei da dança, das artes plásticas, da música e gosto de muitas outras coisas, como a literatura. Nunca poderia ser uma coisa só, fazer uma coisa só, por isso escolhi diversos caminhos da educação. Gosto de múltiplas entradas. De sair eu não gosto muito não, sabe? Gosto de entrar em várias áreas, pesquisar, estar presente em cada uma delas. E todas elas são muito utilizadas, não deixei escapar nada. Tudo o que fiz na vida está presente no meu trabalho, o tempo inteiro.

Além de pesquisas, aulas e espetáculos, você já desenvolveu trabalhos em escolas e universidades públicas, circos, instituições científicas e clínicas. Qual o fundamento que une todas essas experiências?

A educação, em geral, é um processo dinâmico de ensinamento e aprendizagem, uma forma que o ser humano tem para demonstrar sua concepção de vida e trabalho, sua visão de mundo. Em diversas culturas, épocas históricas e grupos sociais, a educação e as artes têm contribuído para o desenvolvimento potencial de cada um: liberando conflitos, a imaginação, a fantasia, a capacidade criadora e a ação transformadora.

Na sua opinião, como a consciência corporal pode contribuir no processo de educação?

A educação corporal no currículo das escolas é uma necessidade para a formação do ser total. Nossa história se escreve no nosso corpo ao longo de nossas vidas. O trabalho através da consciência do movimento desenvolve os sentidos, a percepção, a motricidade e a integração diária, física, psíquica e social de cada indivíduo. A comunicação e a criatividade estão entre os objetivos importantes. É o próprio ser quem traduz e comunica o movimento de sua vida interior através do gesto, som, atitude e comportamento com outros seres. Mas, com a distorção do nosso mundo exterior, o homem tende a perder a própria consciência corporal, distanciando-se cada vez mais de si e do meio ambiente.

Em que medida você associa criatividade e trabalho com expressão corporal?

Expressar é um ato natural do indivíduo. Ele não tem dificuldade em expressar-se desde que o orientador não interfira na sua criatividade, respondendo de imediato à potencialidade expressa. No momento em que tomamos consciência do nosso corpo e de suas imperfeições, podemos utilizar melhor suas possibilidades. Imaginando-o claramente, podemos melhorar nossa imagem corporal e encontrar a espontaneidade que tínhamos na infância. A criança é espontânea, tem movimento natural, mas a sociedade e o processo de educação vão criando barreiras e ela acaba perdendo o contato consigo mesma. Retomando este contato podemos corrigir por reflexo os erros da vida cotidiana para utilizarmos da melhor maneira possível nossas possibilidades criativas e de expressão.

Na Faculdade Angel Vianna, há um curso para formação de docentes em dança. Que aspectos você acha essenciais desenvolver nos futuros professores?

Primeiramente, confirmando a filosofia tanto da escola quanto da faculdade, o respeito pelo indivíduo, a capacidade de fortificá-lo como ser especial. Depois, é necessário despertar a sensibilidade corporal, a integração corpo- ►

mente, desenvolver a imaginação e a criatividade, liberar os afetos, desenvolver o autocontrole a partir do conhecimento do corpo, despertar a concentração e a capacidade de comunicar-se cultivando o jogo e o humor, desenvolver a capacidade de ver, criticar, mostrar-se e ser criticado, transformar-se e ser transformado.

Valorizar a individualidade no âmbito de um grupo sempre tão heterogêneo é uma das grandes questões de qualquer processo educativo. Como você acha que o professor pode assegurar esta valorização do que é próprio de cada um?

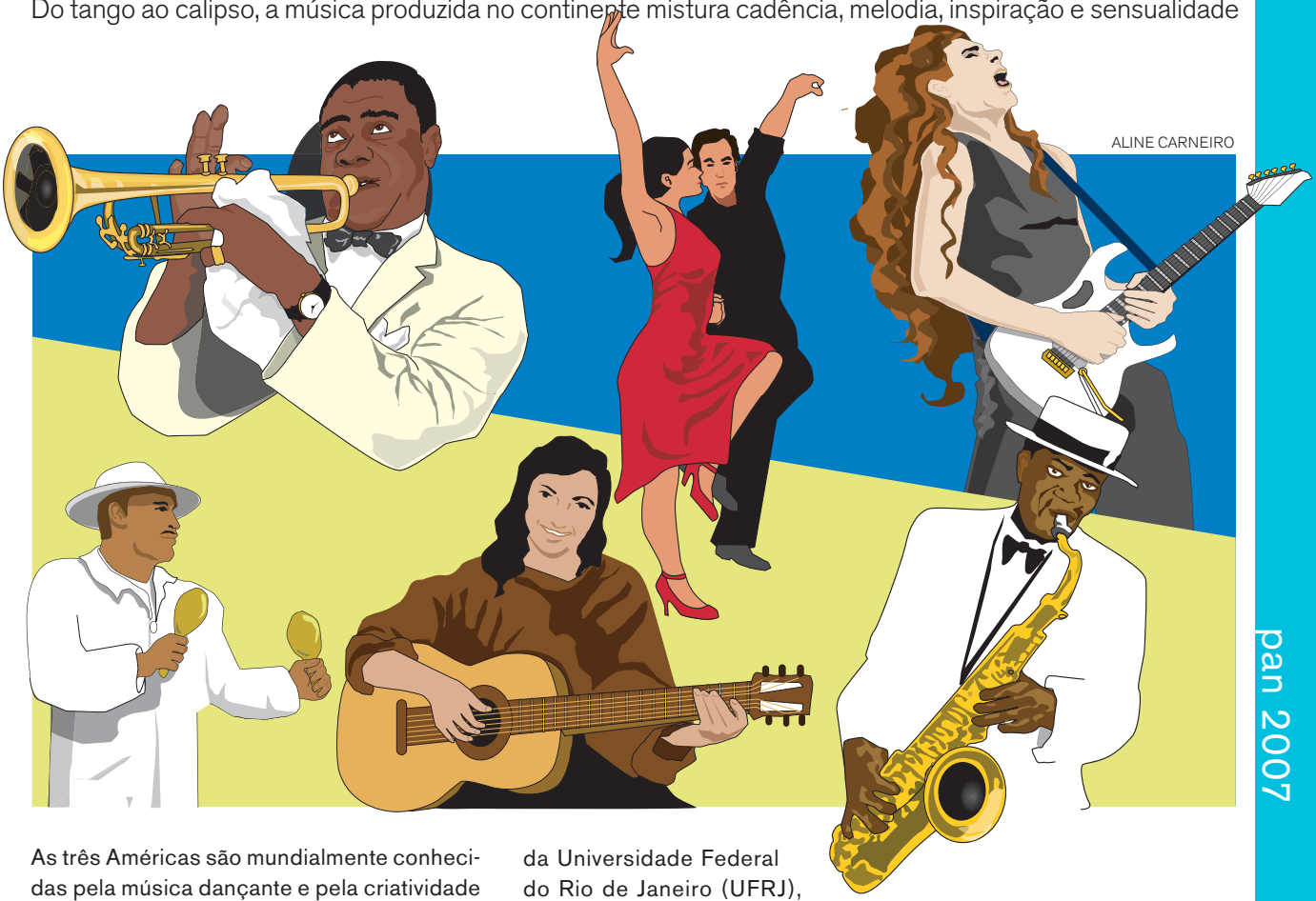
Sempre tive muita preocupação em formar a força individual de cada um, seja um bailarino, um professor, um coreógrafo ou alguém que simplesmente queira conhecer o próprio corpo. O que eu costumo dizer para os professores é que a aula é em conjunto, mas eles não precisam obrigar todos os alunos a fazerem tudo no ritmo que eles desejam. Cada um tem seu ritmo. O professor tem de ter paciência e abrir espaço para que cada um se desenvolva no seu ritmo próprio. Na dança, muitas vezes é necessário seguir um tempo exterior, o tempo da música, o tempo do grupo. Mas há também o tempo da pesquisa, que é essencial para que o conjunto chegue aonde é preciso. Eu também vivi o balé clássico. E naquela época não tinha individualidade. Era aquilo e pronto. Eu fazia, mas foi por isso que parti por outro caminho. Eu sentia que tudo poderia ser desenvolvido com muito mais tranqüilidade.

Que fatores levaram você a investir no sonho de criar uma faculdade?

Quando abrimos o curso técnico, os alunos desenvolveram uma capacitação corporal, mental, criativa e artística verificada nas mostras semestrais, nas apresentações de fim de curso e, posteriormente, nas companhias profissionais que surgiram de ex-alunos. O resultado final é sintetizado num somatório de experiências que se consolidam dia a dia no processo desenvolvido no próprio curso, nas práticas cotidianas e na vida. Esse foi o incentivo para a criação da faculdade e dos outros cursos que virão. A dança é meu grande aprendizado. Até hoje não digo em palavras o que digo através do movimento. Formar pessoas que acreditam nesse cotidiano de trabalho que resulta em produção de vida é minha grande realização. Dança é movimento. Vida é movimento. Você só tem que seguir um caminho e deixar fluir. ■

Américas de todos os ritmos

Do tango ao calipso, a música produzida no continente mistura cadência, melodia, inspiração e sensualidade



ALINE CARNEIRO

As três Américas são mundialmente conhecidas pela música dançante e pela criatividade em misturar e criar novos gêneros musicais. Apesar de não existir uma identidade musical que marque o continente americano, a origem de seus ritmos tem a ver com a sua história de colonização. Não seria de estranhar, portanto, que tenha sofrido influência cultural européia, africana e indígena.

De acordo com a professora de musicologia e de análise da canção popular da Universidade do Rio de Janeiro (UniRio), Martha Tupinambá, a estrutura desses ritmos vem da polca européia, que ganhou uma nova textura ao ser misturada com instrumentos de percussão africanos. Em Cuba, um dos países mais ricos na criação de gêneros musicais, é possível encontrar habitantes de descendência chinesa em terreiros de candomblé. Segundo o musicólogo e professor da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Samuel Araújo, os chineses teriam chegado ao país para substituir a mão-de-obra negra e escrava ainda no século XIX.

Mais ao sul, em Trinidad, há uma forte presença da cultura de trabalhadores indianos que chegaram àquele país na virada do século XIX para o XX. A música local também recebeu essa influência, como aconteceu com a *soca*, um ritmo bastante popular no país, que tem as suas bases na música africana mas que também é tocado com instrumentos indianos.

Boa parte da música das Américas surgiu nos campos e nos povoados, e se afirmou como cultura urbana de classes menos favorecidas. Isso aconteceu com ritmos como o *blues*, que data do final do século XIX e era um tipo de música religiosa ou de trabalho ►

TEXTO
CAROLINA BESSA

dos escravos libertos, grande parte deles vinda do Haiti. Posteriormente, esse contingente se juntou aos negros das cidades dos Estados Unidos e daí surgiu o *jazz*.

Já o bolero nasceu em Cuba, mas o ritmo que conhecemos hoje foi adaptado pela indústria cultural em Porto Rico e no México. "O bolero foi se modificando ao longo do tempo. Apesar de nada ter a ver com o gênero original cubano, a gente identifica a mesma célula rítmica.", explica a professora Martha. Essas mudanças também estão presentes em gêneros de origem européia, como a valsa, que sofreu adaptações no Brasil e influenciou a criação do choro, que é a primeira música popular urbana genuinamente brasileira. O ritmo tem bases também na polca: "Não tenho dúvida de que *Rosa*, de Pixinguinha, veio da valsa", explica a professora.

Identidade nacional – Apesar de no início do século XX muitos estudiosos terem se preocupado em identificar gêneros que representassem a essência de uma nação, de preferência músicas do meio rural, hoje os pesquisadores não se preocupam mais em distinguir o que é música típica de um lugar e o que é música popular. "Estudiosos como Mário de Andrade viam a cultura que estava surgindo nas cidades, que não era erudita nem rural, com bastante confiança. Por isso, surgiu no Brasil o termo música popularesca, porque [aqueles intelectuais] consideravam aquele música uma distorção da autêntica música nacional", diz Araújo. Artistas hoje consagrados como Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazareth e Patápio Silva, criadores do choro, eram ignorados.

Outro grande momento da música popular no continente aconteceu a partir dos anos 1950, quando surgiram o *reggae* na Jamaica, o *rock* nos Estados Unidos, a rumba em Cuba, a *cumbia* na Colômbia, a bossa-nova no Brasil e a *nueva canción*, no Chile. Na avaliação do professor da UFRJ, essa explosão de ritmos se deveu principalmente ao surgimento do cinema falado e do disco de alta fidelidade (estereofônico) que possibilitaram um som de melhor qualidade e a troca de experiências e de influências musicais. Os cantores não mais precisavam viajar para a Europa ou para países vizinhos, e através de seus discos e, em alguns casos restritos, do cinema, já podiam se apresentar a um público estrangeiro.

SAIBA MAIS

Para ouvir músicas latino-americanas, basta acessar o *site* www.misrolas.com.

No *site* www.gardelweb.com é possível obter informações sobre o cantor de tangos.

REPRODUÇÃO DO *SITE*

A voz do tango

É impossível pensar em tango sem associá-lo a Carlos Gardel. A carreira do cantor coincidiu com o desenvolvimento do ritmo e ele acabou se tornando o seu principal representante. O maior ícone argentino não é latino-americano. Filho de pai desconhecido, o cantor teria nascido em Toulouse, França, sendo batizado com o nome de Charles Romuald Gardés, filho de Berthe Gardés. A carreira musical começou muito cedo, aos 17 anos, com apresentações em bares e festas. Hoje, a voz de Gardel está imortalizada por canções como *Mi Buenos Aires querido* e *El dia que me quieras*.

Durante grande parte da vida, Gardel morou no bairro portenho de Abasto, onde foi erguida uma estátua em sua homenagem, na esquina das ruas Tagle e Libertador, onde funcionou o mítico cabaré Armenonville. De infância pobre, viveu com a mãe, estudou em colégios do bairro e freqüentou cafés, onde começou a se apresentar. Em 1910, aos 20 anos, morava na Rua Corrientes, 1714 e 10 anos depois, na Rua Rodriguez Peña, 451. Já com fama internacional, viveu em um casarão na Rua Jean Jaurés, 735 entre 1927 e 1933. Essa última moradia foi tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional e transformada em Museu Carlos Gardel.

Nascido no Sul dos Estados Unidos, o *rock* pode ser considerado hoje um gênero transnacional, na avaliação de Martha Tupinambá. Conhecido como *rock'n roll* nos anos 1950, o gênero evoluiu e ganhou novas roupagens nas décadas seguintes, como o *acid rock*, o *rock* progressivo, *rock* experimental e a *surf music*. Na década de 1970 ficaram conhecidos o *punk* e o *hard rock*. Já nos anos 1980, sobressaíram o *new wave*, o *hardcore*, o *heavy metal* e, por fim, na década de 1990, o *pop punk* e o *new metal*. Essas são algumas variações do ritmo, mas existem diversas outras conhecidas pelos apreciadores do gênero. Paralelamente ao *rock*, o *pop* ganhou espaço no cenário internacional e vem se mantendo entre os preferidos dos adolescentes.

Nas últimas décadas, os ritmos latinos vêm ganhando bastante popularidade, principalmente por serem feitos para dançar a dois, geralmente de maneira bastante sensual. Os especialistas são unânimes em considerar Cuba a fonte de irradiação desses ritmos. Na ilha foram criados pelo menos quatro deles: o mambo, a rumba, o chá-chá-chá e a salsa (*son*). Com raiz de influência africana e indígena, outros ritmos *bailables* se espalham pelos países vizinhos como o merengue da República Dominicana, os *calientes plena* e *bomba*, de Porto Rico, e a grande febre latino-americana conhecida como *cumbia*, surgida na Colômbia na década de 1950, mas muito apreciada hoje por jovens argentinos, peruanos e chilenos em bares e boates locais.

No Brasil, a lambada chegou com força total na década de 1990. Depois, outras variantes como o samba de roda, o pagode e a axé music ganharam mais espaço por aqui do que os ritmos caribenhos. O samba de roda do Recôncavo Baiano, por exemplo, obteve reconhecimento internacional ao ser eleito Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade pela Unesco.

Para Samuel Araújo, não há dúvida de que o Brasil é extremamente rico musicalmente, mas está muito fechado em relação ao que se produz nos países vizinhos. "Nós compramos a idéia de que a música brasileira é a melhor do mundo e talvez por isso tenhamos ignorado o que acontece lá fora, exceto nos Estados Unidos", alerta. Na sua avaliação, é preciso que as Américas se conheçam melhor e compreendam que foi nessas terras, de Norte a Sul, que as músicas de diversos continentes se encontraram, se misturaram e criaram uma riqueza cultural inigualável. ■

Desde cedo, o cantor e compositor viveu de pequenos biscates, inclusive como artesão aprendiz. Em 1905 começou a cantar em boliches e bares. Cinco anos depois passou a se apresentar com freqüência no Café O'Rodemman, com o nome de "El Morocho de Abasto" (O moreno de Abasto). No ano seguinte conheceu o uruguaio José Razzano com quem passaria a fazer uma dupla e assumiu definitivamente o nome artístico Gardel. As primeiras gravações com o selo da Columbia Records são *Sos mi tirador plateado* e *Yo se hacer*, em 1912.

A consagração da dupla Gardel-Razzano veio em 1914, quando eles debutaram na companhia Ducasse-Alippi no Teatro El Nacional. A partir daí se apresentaram em diversos lugares e passaram a fazer espetáculos regularmente no Cabaré Armenonville, em Buenos Aires. Uma das composições mais famosas de Gardel, a milonga *Mi noche triste*, que é um gênero musical precursor do tango, veio a público no mesmo ano em que a dupla gravou seu primeiro disco (1917). Neste ano, aconteceu sua estréia no cinema, com *Flor de durazno* (Flor de pêssego). O primeiro tango que a dupla assinou em conjunto foi *Mon Bijoi*, em 1921.

Em 1920, Gardel conheceu Isabel Del Valle, com quem disse manter por vários anos um íntimo vínculo sentimental. Mas a carreira de artista ocupou um espaço primordial na vida do compositor e intérprete, que fez sua primeira viagem à Europa em 1923. Duas apresentações que demonstram o prestígio dele ocorreram em 1925, quando cantou para o Príncipe de Gales (Edward VIII) e em 1929 na Ópera de Paris. A partir daí, passou a se apresentar em turnês por Madri, Toulousse, Barcelona, Paris, Nice. Nessa última conheceu quem viria a se tornar um dos seus grandes amigos Charles Chaplin. Sua passagem pelo cinema aconteceu na mesma época. Neste gênero fez sucesso nos filmes *Luzes de Buenos Aires*, *Melodia de Arrabal*, *Caçadores de estrelas* e outros. A filmagem desse longa foi finalizada em Hollywood, em 1934.

A carreira virtuosa de Gardel ia de vento em popa, quando foi interrompida bruscamente por um acidente aéreo em 1935, quando a aeronave em que viajava colidiu com outro avião, ambos prontos para decolar em Bogotá, na Colômbia. Com o choque, os aviões incendiaram e não foi possível socorrer os passageiros. Na época, o consagrado cantor de tango fazia sua última interpretação em *Tomo y obligo*.

Sombra – uma parábola

UM CONTO DE EDGAR ALLAN POE

ILUSTRAÇÃO ALINE CARNEIRO

"Mas, embora eu caminhe pelo vale da Sombra"
SALMO DE DAVID

Vocês que lêem ainda estão entre os vivos; mas eu que escrevo deverei ter partido há muito tempo para a região das sombras. Pois de fato coisas estranhas deverão acontecer, e coisas secretas serão conhecidas, e muitos séculos deverão transcorrer, antes que essas memórias sejam lidas pelos homens. E, quando vistas, haverá alguns que não acreditarão, e outros duvidarão, e haverá ainda alguns poucos que encontrarão muito para meditar sobre os personagens aqui gravados com um estilete de ferro.

Aquele ano tinha sido um ano de terror, e de sentimentos mais intensos do que o terror para o qual não há nenhum nome sobre a Terra. Pois muitos prodígios e sinais foram revelados, e em todos os cantos, em mar e terra, as asas negras da Peste haviam sido abertas sobre nós. Para aqueles, no entanto, que se voltavam para as estrelas, não era desconhecido que os céus portavam um aspecto de algo maligno; e para mim, o grego Oinos, entre outros, era evidente que tinha chegado então a alternação daquele septingentésimo nonagésimo quarto ano quando, na entrada de Áries, o planeta Júpiter entra em conjunção com o anel vermelho do terrível Saturno. O espírito peculiar dos céus, se não cometo um grave erro, se manifestava, não somente na órbita física da Terra, mas nas almas, imaginações e meditações da humanidade.

Em torno de algumas taças de vinho tinto de Chios, entre as paredes de um nobre salão, em uma obscura cidade chamada Ptolemais, nos sentamos, à noite, um grupo de sete pessoas. E para a nossa câmara não havia nenhuma entrada, exceto uma majestosa porta de bronze: e a porta tinha sido trabalhada pelo artesão Corinnos, e, sendo uma obra de rara habilidade, tinha sido presa pelo lado de dentro. Tapeçarias negras, do mesmo modo, no sombrio salão, ocultavam de nossa visão a lua, as lúridas estrelas, e as ruas vazias – mas o agouro e a memória do Mal elas não poderiam assim ocultar. Havia coisas à nossa volta e sobre as quais eu não poderia fazer um relato seguro – coisas materiais e espirituais – um ar pesado na atmosfera – uma sensação de asfixia – ansiedade – e, acima de tudo, aquele terrível estado da existência que pessoas nervosas experimentam quando os sentidos estão vivazmente alertas e acesos, enquanto os poderes do pensamento jazem adormecidos. Um peso morto pairava sobre nós. Ele pairava sobre os nossos membros – sobre os móveis da casa – sobre os cálices com os quais bebíamos; e todas as coisas pareciam deprimidas, e assim obscurecidas – todas as coisas exceto somente as chamas dos sete candelabros que iluminavam a nossa orgia. Elevando-se em linhas altas e esguias de luz, elas assim permaneciam a queimar totalmente pálidas e imóveis; e no espelho que seu lustro formava sobre a mesa redonda de ébano em torno da qual estávamos sentados, cada um de nós ali reunidos contemplava a imagem pálida de seu próprio semblante, e o brilho intenso e agitado nos olhos abatidos de seus companheiros. Ainda assim, nós ríamos

e estávamos felizes de nosso próprio modo – um tanto histérico; e cantávamos as canções de Anacreon – que falam da loucura; e bebíamos desesperadamente – embora o vinho púrpura nos lembrasse do sangue. Pois havia ainda um outro ocupante em nossa câmara na pessoa no jovem Zoilus. Morto, e totalmente estirado, ele permanecia deitado encoberto em mortalhas; o gênio e o demônio da cena. Ai de mim! Ele em nada participava de nosso júbilo, exceto por seu semblante, distorcido pela peste, e seus olhos, nos quais a Morte tinha insuficientemente extinto o fogo da pestilência, pareciam demonstrar tal interesse em nossa alegria, tanto quanto os mortos devem participar com enorme regozijo da alegria daqueles que estão prestes a morrer. Mas embora eu, Oinos, sentisse que os olhos do falecido caíam sobre mim, ainda assim eu me esforçava para não perceber a amargura de sua expressão e, mirando as profundezas do espelho de ébano, cantava em voz viva e sonora as canções do filho de Teios. Mas gradualmente eles cessaram de cantar minhas canções, e seus ecos, ressoando no ar entre as sombrias tapeçarias da câmara, se tornaram fracos e indistintos, e assim desvaneceram. E veja! dentre aquelas sombrias tapeçarias onde os sons das canções se perdiam, surgiu uma sombra obscura e indefinida – uma sombra como a da lua, quando baixa no céu, chega a abraçar a figura de um homem: mas a sombra não era nem a de um homem nem a de Deus, nem de qualquer coisa familiar. E tremendo entre as tapeçarias do salão, ela finalmente se pôs totalmente à vista sob a superfície da porta de bronze. Mas a sombra estava vaga, e disforme, e indefinida, e não era aquela a sombra nem de um homem nem de Deus – nem o Deus da Grécia, nem o Deus dos caldeus, nem nenhum Deus egípcio. E a sombra permaneceu sob a soleira cintilante da porta, e sob o arco do batente da porta, e sem se mover, nem falar nenhuma palavra, ali ficou estacionada e assim permaneceu. E a porta em frente à qual a sombra descansava estava, se me lembro bem, prostrada contra os pés do jovem Zoilus envolto em mortalhas. Mas nós, os sete ali reunidos, tendo visto a sombra conforme ela se projetava para além das tapeçarias, não ousávamos mirá-la, mas baixamos nossos olhos, e olhávamos continuamente as profundezas do espelho de ébano. E por fim eu, Oinos, dizendo algumas palavras em baixo tom, perguntei à sombra sobre sua morada e seu nome. E a sombra respondeu, "eu sou a SOMBRA, e minha morada fica próxima das Catacumbas de Ptolemais, e bem além das sombrias planícies de Helusion que margeiam o infecto canal Caroniano." E foi então que nós, os sete, nos erguemos de nossas cadeiras, e ali permanecemos tremendo e estremecendo de terror, e horrorizados, pois os tons da voz da sombra não eram os tons de nenhum ser conhecido, mas de uma multiplicidade de seres, e, variando em suas cadências de uma sílaba à outra, caíam de forma sombria sobre nossos ouvidos com os sotaques bem conhecidos e familiares de muitos milhares de amigos que já tinham partido. ■

O mundo encantado da Ebal

Quando as primeiras gerações de super-heróis sobrevoaram o país, marcando a infância de muita gente

TEXTO
BETE NOGUEIRA
FOTOS
REPRODUÇÕES DE ALBERTO JACOB FILHO

Enquanto o mundo vivia uma grande transformação, com a Segunda Guerra Mundial chegando ao fim, no Brasil começava uma era de aventuras fantásticas: a dos super-heróis. Foi em maio de 1945 que Adolfo Aizen fundou a Editora Brasil-América, depois conhecida simplesmente como Ebal. Não que a editora carioca tenha sido a primeira a publicar por aqui quadrinhos ou heróis. Mas foi ela quem trouxe ou manteve por longo período a grande maioria dos personagens queridos por gerações seguidas, como Superman, Batman, Tarzan e Aquaman, entre muitos outros. E se tornou a toda-poderosa até o fim dos anos 1970 e início dos 80, e na década seguinte, chegou ao fim.

Quando Aizen fundou a editora, já carregava experiência no setor. Ele fez a diferença por pioneirismos como o lançamento, através de um consórcio, do *Suplemento infantil*, encartado no jornal *A Nação*. Posteriormente, tornou-se o tablóide independente *Suplemento juvenil*, alcançando uma tiragem de 360 mil exemplares – e onde foram apresentados aos brasileiros figuras como o Príncipe Valente, Dick Tracy e Flash Gordon. Mas isso foi antes da Ebal, que nas décadas de 1950 e 60 lideraria o mercado de HQs (histórias em quadrinhos), enviando para as bancas 40 títulos por mês.

Teias, braceletes, espinafre e máscaras

Livros ilustrados infantis e de clássicos da literatura nacional também eram editados pela casa, que fazia a festa de colecionadores, criando edições especiais. Um dos produtos mais famosos foi a *Edição maravilhosa*, com adaptações de clássicos da literatura universal. Posteriormente, houve quadrinização de obras nacionais, como *Iracema*, de José de Alencar, *Olhai os lírios do campo*, de Érico Veríssimo e *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre – pensador, aliás, que foi um dos primeiros a levantar a voz no país a favor dos quadrinhos.

Mas o carro-chefe eram mesmo os heróis e aventuras infantis, das mais importantes casas norte-americanas, como Disney, Marvel, DC Comics e Fiction House. Trocando em miúdos: Homem-Aranha, Pinduca, Popeye, Zorro, Mulher Maravilha, Pato Donald, Fantasma, Tom e Jerry, Conan, Pernalonga...

Bíblia, fatos da ciência e história do Brasil, todas em quadrinhos, em álbuns luxuosos, foram não só uma inovação da editora como um calaboca na discussão que dominava as rodas dos conservadores de plantão, de que esse tipo de narrativa levava à delinqüência juvenil e preguiça mental. Aizen provou que o formato poderia, pelo contrário, instigar a leitura e aumentar a cultura das pessoas.

O esmero da casa publicadora com seus produtos ia além: para garantir que oferecia o bom português aos seus leitores, nas revistas constava a observação de que a ortografia utilizada era a do *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa*. E mais: a qualidade vinha de um código de ética criado por Aizen e copiado depois pelos concorrentes.

A empresa não só *abriu* a cabeça de muitos leitores como também as portas para um mercado aqui ainda com pouco espaço: de desenhistas e roteiristas, muitos deles estreando nesse mundo mágico através da editora de São Cristóvão.

Era uma vez uma época em que...

... A estratégia de marketing era menos agressiva, mas muito sedutora e seguramente eficiente: o relacionamento com seu público era digno de nota. Além de promover visitas escolares – com direito a lanches e brindes – às suas dependências, incluindo o Museu dos Quadrinhos, a Ebal respondia a todas as cartas dos leitores, lançava concursos e até publicava fotos dos leitores mirins, apoiada por um patrocinador – a propaganda é a alma do negócio, sempre. Por essas e por outras, todos os que aprenderam a ler ou cresceram lendo suas histórias falam desse passado com carinho.

... Que muitas meninas não precisavam de brinquedos caros e sofisticados – pelo menos,

SAIBA MAIS

Versão digital de *Cadernos da Comunicação* – editado pela Prefeitura – sobre a indústria dos quadrinhos
www.rio.rj.gov.br/secs/cadernos/cadernos10_e.pdf

Site sobre HQs
www.universohq.com

Livros
- *Literatura em quadrinhos no Brasil*, de Moacy Cirne. Nova Fronteira
- *A guerra dos quadrinhos*, de Gonçalo Junior. Companhia das Letras

não o tempo inteiro – para se divertir. Bastava ir até a banca, comprar uma revistinha de boneca de papel e brincar – primeiro, recortando as roupinhas; depois, inventando mil e uma histórias com as novas amiguinhas.

Mas os heróis também têm suas quedas...

Em meados dos anos 1970, a Ebal ainda editava heróis da Marvel e da DC Comics. Mas a era de ouro começou a perder o brilho. Seguindo uma tendência mundial, começou a ter uma queda em suas vendas, por diversos fatores, como o fortalecimento da TV. Então, ela passou a se dedicar mais ao livros de contos infantis, até que em 1984 deixou definitivamente as HQs. A exceção foi o livro do Príncipe Valente, que saía, uma vez por ano, até o volume XV, editado em maio de 1995, no cinqüentenário da editora.

Enquanto isso, no século XXI...

Hoje, no prédio que pertencia à Ebal, na Rua Almério de Moura, em São Cristóvão, funciona uma escola particular. Suas revistas estão na memória de diversos brasileiros ou entre colecionadores. E o acervo do Museu dos Quadrinhos, que incluía publicações importantes de outras editoras, foi doado pela família de Aizen à Biblioteca Nacional (BN), que já os colocou em exposição, em 2002/2003, na mostra *HQ, o mundo encantado dos quadrinhos* e agora está na fase de tratar o material.

Sorte do público que os herdeiros tiveram a preocupação de dar um destino digno ao que ficou do império Ebal. Carla Rossana Chianello Ramos, coordenadora de publicações seriadas da BN, explica que não há uma lei para proteger esse tipo de patrimônio quando uma empresa é fechada. Para chegar a uma instituição séria, ou centro de pesquisas, é preciso que os herdeiros tenham essa consciência. Senão, tudo pode se perder entre entulhos.

As revistas estão hoje na hemeroteca (setor onde ficam as coleções de jornais, revistas, periódicos), no anexo da BN, que fica ao lado da Cidade do Samba, no Cais do Porto. O material é tão extenso que há a previsão de um ano inteiro de trabalho intenso até que tudo seja devidamente catalogado. Depois de organizados, armazenados e com informações passadas para a base de dados, eles só estarão disponíveis para pesquisa. O fato de não ficar aberto ao público em geral não diminui sua importância: "É uma forma de preservar a memória de uma empresa e de uma época", comenta Carla.

Desta parte, até agora já foram identificados cerca de 5.500 fascículos (peças). Junto às revistas da antiga editora, há publicações estrangeiras e coleções encadernadas de *Manchete*, *Manchete Esportiva*, *Senhor*, *O Cruzeiro*, *Pasquim*, da revista *Life* em espanhol, *Revista de domingo* e *Fon-fon*.

Há ainda um precioso material de arte-final, que está sendo cuidado pela equipe de iconografia da BN. De acordo com Léia Pereira da Cruz, responsável pelo setor, estima-se que eles tenham recebido pouco mais de 3.500 documentos. São trabalhos de arte-finalistas brasileiros e estrangeiros residentes no Brasil, utilizando diversas técnicas de pintura, além de fotografias e manuscritos. Uma pequena parcela já está tratada tecnicamente para não correr riscos de fungos ou outros tipos de danos. Cada folha é envolta em papel, fica guardada à temperatura de 22 graus e só pode ser manipulada usando-se luvas.

Hoje, o mercado brasileiro de quadrinhos é respeitado mundialmente e deve isso às páginas escritas por Adolfo Aizen. Em 1975, na Bienal Internacional dos Quadrinhos em Luca, Itália, o reconhecimento de sua contribuição ao desenvolvimento da "Nona arte" veio com o prêmio Yellow Kid, com a menção "Uma vida dedicada aos quadrinhos". ■

Pan 2007 na tela do monitor

REPRODUÇÃO DO *SITE*

‘Blogs’ de alunos correspondentes, salas de bate-papo e CHAVE sobre o evento estão entre as novidades

O programa Século XX1 se antecipa e já entra no clima dos Jogos Pan-americanos. Ao longo do primeiro semestre, várias atividades serão desenvolvidas pela equipe de produção de conteúdo do programa. Entre as novidades, o destaque fica por conta de três novas frentes de trabalho: o blog PanXX1, a série de *chats* mensais e o projeto Meu Século XX1.

O *blog* PanXX1 reunirá textos produzidos por alunos correspondentes, abordando questões como a preparação de atletas, resultados das competições, esportes desconhecidos ou até mesmo comentários sobre as mudanças no dia-a-dia da cidade durante a realização do Pan e do Parapan. A idéia é criar um canal para que crianças e adolescentes expressem suas impressões sobre o maior evento esportivo das Américas.

Já a organização de *chats* com atletas, treinadores e autoridades busca pôr os alunos em contato com as pessoas que direta ou indiretamente contribuem para a realização dos Jogos Pan-americanos. Os bate-papos virtuais começarão em março e serão mensais. As Coordenadorias Regionais de Educação (CREs) e as escolas da Rede receberão em breve o calendário dos *chats*.

Em novembro, o Século XX1 realizou um *chat*, no qual o ex-atleta Robson Caetano respondeu a perguntas de alunos que integram o projeto Monitomania. A experiência mostrou que o *chat* é um tipo de atividade que tem alto poder de mobilização entre eles. A realização do Pan servirá como ponto de partida para que os jovens apresentem nos *chats* questões do interesse deles – explica a coordenadora do Programa Século XX1, Wânia Clemente, destacando que o *blog* e os *chats* fazem parte da reformulação do *site* Século XX1.

O projeto Meu Século XX1 acontecerá ao longo do primeiro semestre e levará para a escola a experiência-piloto de produção de uma CHAVE e de edição dos conteúdos em uma página na internet. Alunos e professores da Rede, com o auxílio de profissionais da equipe do Programa Século XX1, criarão a CHAVE Esporte e Identidade Latino-Americana. Os conteúdos serão pesquisados, elaborados e editados pelos adolescentes, com a supervisão de professores. O lançamento do *site* está previsto para a semana de abertura dos Jogos Pan-americanos.

A implementação do projeto Meu Século XX1 prevê a realização de oficinas com professores e alunos, nas quais eles conhecerão as técnicas utilizadas pela equipe de produção de conteúdo do *site*. Uma das principais preocupações do projeto é estimular a articulação de conteúdos de diferentes áreas, ressaltando o aspecto multidisciplinar da criação de uma CHAVE.

Mas as novidades não se resumem ao *blog*, aos *chats* ou ao projeto Meu Século XX1. A CHAVE Esporte terá, a partir de março, atualizações mensais. Os conteúdos – texto, ilustrações e animações – destacarão aspectos pouco abordados na relação entre esporte, inclusão social, cidadania e educação física na escola.

“A mídia em geral vem ressaltando a realização dos Jogos Pan-americanos. Pouco se fala, por exemplo, do Parapan, a competição para pessoas portadoras de deficência. Um aspecto interessante e pouco lembrado é que o Rio de Janeiro será a primeira cidade a organizar os dois jogos. Eis um avanço na questão da inclusão social que merece destaque. Além disso, vamos acompanhar os últimos preparativos da organização e a reta final do treinamento de atletas praticantes de esportes desconhecidos do grande público”, diz o editor de conteúdo do Século XX1, Marlucio Luna. ■

TEXTO

EQUIPE PROGRAMA SÉCULO XX1

Alô, alô, amigos ouvintes...

Cidadania, serviço e lazer são oferecidos pela Rádio Escola Rio, que já está instalada em 10 unidades

TEXTO

BETE NOGUEIRA

A tradição do rádio como meio de comunicação popular e de integração comunitária ocupa o espaço escolar da cidade desde 2004, com a Central de Rádio Escola Rio, idealizada pela Secretaria de Comunicação Social, que desenvolve o projeto em parceria com as Secretarias de Educação (SME) e Assistência Social (SMAS). Os programas são transmitidos três vezes por semana, no horário do recreio e na saída das aulas. A veiculação acontece no interior das escolas e nas ruas do entorno, por meio de caixas de som instaladas em postes. "A inovação do projeto é a capacidade de integrar a comunidade onde a escola está inserida. Ao sonorizar as ruas, permitimos que a vizinhança acompanhe a programação e participe com entrevistas. Os alunos vão a campo – acompanhados de monitores e professores – produzir matérias sobre os mais variados assuntos", comenta a secretária de Comunicação Social Ágata Messina. Além de notícias, a rádio tem programação musical e avisos de utilidade pública.

Mais de 1.300 alunos do segundo segmento já foram capacitados em diversas técnicas profissionais que envolvem essa mídia, como locução, reportagem, operação de áudio, sonoplastia e edição de texto. Alguns já estão estagiando, procurando outros cursos e há dois ex-alunos que seguiram carreira nesse meio: um é locutor e outro, operador. Os responsáveis pelo projeto acreditam que há outros casos, mas é difícil saber com certeza, porque a maioria perde o contato com a escola quando conclui ▶

DIVULGAÇÃO PREFEITURA/JAIME SILVA

Mais de 1.300 alunos já foram capacitados pelo projeto em técnicas que envolvem o rádio, como locução, áudio, sonoplastia, edição de texto e reportagem

o ensino fundamental. Além da participação dos professores, os alunos contam com a orientação de uma equipe de profissionais com experiência em radiojornalismo, coordenados pela jornalista Edileide Macedo.

Até agora, as escolas escolhidas para integrar o projeto são das zonas Oeste e Norte, por uma questão estratégica. De acordo com a secretária Ágata, o que norteia a escolha é a preocupação em favorecer as regiões onde se concentra a população de baixa renda – ainda que isso não seja uma regra rígida. "Há que se levar em conta que o projeto tem o viés na educação, já que estabelece uma nova relação do aluno com a escola, cujos resultados vêm sendo positivos; o viés na Assistência Social, pois trata-se de capacitar os alunos para uma atividade desconhecida pela maioria e que abre a possibilidade de várias carreiras, inserindo os jovens no mercado de trabalho e possibilitando migrar para outra faixa social; e ainda o viés na comunicação, pois os programas passam para a comunidade informações importantes, como os serviços que a Prefeitura oferece.

A expansão continua, e até o fim de 2007 pelo menos mais cinco estúdios estarão operando a pleno vapor, em áreas a serem definidas. Além de querer contemplar novas localidades, a idéia da Secretaria de Comunicação é espalhar mais alto-falantes nas regiões, alcançando cada vez mais ouvintes desses bairros, inclusive os comerciantes e lideranças locais. "Já aconteceu de um padre nos procurar pedindo que avisássemos pelo rádio sobre a festa que seria feita na paróquia", conta Edileide.

A adesão dos alunos é livre, e os professores aprovam a iniciativa. Segundo a coordenadora, eles avaliam que trabalhos como a apuração de notícias fazem os estudantes ficarem mais "ligados" no que acontece dentro e fora do ambiente escolar, vêem com um olhar mais crítico o que está à sua volta. E já que o assunto é comunicação, o cuidado com o bom português também norteia os trabalhos. "O envolvimento dos professores no projeto é total, porque ele se tornou uma nova ferramenta para o aprendizado. Os temas tratados nos programas produzidos pelos alunos são abordados nas aulas", complementa Ágata. E cada boa matéria ou entrevista com anônimos ou famosos feitas pelo grupo é comemorada como uma vitória. Alguns alunos já tomam a iniciativa de pegar o gravador e sair em campo quando têm a oportunidade de entrevistar um artista, como aconteceu com Fernanda Abreu, ou telefonar para Martinho da Vila, por exemplo, para falar de sua carreira.

A equipe de jornalistas comandados por Edileide é escolhida pela Secretaria de Comunicação, responsável pelo curso. Eles ficam em um estúdio dentro da Secretaria, e os recursos para o projeto provêm das pastas da Educação e da Assistência Social. ■

Por onde as ondas do rádio se propagam

Veja os locais onde já funciona a Central de Rádio Escola Rio:

- E. M. Charles Anderson Weaver – Coelho Neto
- E. M. Coelho Neto – Ricardo de Albuquerque
- E. M. Dalva de Oliveira – Realengo
- E. M. Levy Miranda – Pavuna
- E. M. Marechal Mascarenhas de Moraes – Caju
- E. M. Presidente Antônio Carlos – Cosmos
- E. M. República do Líbano – Vigário Geral
- E. M. Rose Klabin – Guadalupe
- Ciep Carlos Drummond de Andrade – Jacarepaguá
- Ciep Ministro Marcos Freire – Sepetiba

DIVULGAÇÃO PREFEITURA/DANIELLE CEZAR

A adesão dos alunos à proposta é livre, mas os professores costumam aprovar a idéia

Currículo: tempo e espaços

A consolidação da proposta do Ciclo de Formação na rede municipal do Rio de Janeiro exige de nós, professores, reflexões cada vez mais aprofundadas sobre como compreendemos e nos apropriamos deste espaço que chamamos de escola, transformando-o verdadeiramente em um lugar onde os sujeitos tecem coletivamente os seus saberes e traçam juntos, e democraticamente, os seus caminhos. Por sua história conservadora e por herdarmos espaços construídos, precisamos cada vez mais reinventar a forma como lemos, ocupamos e transgredimos os limites importos por este espaços.

Uma das limitações que percebo é a concepção, ainda vigente, de que apenas a sala de aula é um espaço educativo. Se defendemos que a escola deve cada vez mais se aproximar da vida, se entendemos que todo tempo de convivência é essencialmente pedagógico, precisamos pensar um currículo que extrapole as paredes da sala de aula e compreenda todo o espaço escolar como espaço de ensino-aprendizagem.

Em 2002 tive a oportunidade de aprender isso com meus alunos de progressão. Depois de algum tempo angustiada com a falta de progresso na construção de relações que permitissem um convivência respeitosa entre eles, resolvi que no pátio da escola teria a oportunidade de compreender como aquele grupo se organizava melhor do que quando "aprisionado" no espaço da sala de aula.

Uma vez "soltos" no pátio, comecei a observar que laços se estabeleciam, como se comportavam quando não havia supostamente um controle atento do professor. Ali, comecei a pôr em prática todo um currículo que o espaço da sala de aula não me permitia ousar. A hora do recreio era tida por mim como a hora de conhecer as diferenças e singularidades de meus alunos, estabelecer laços afetivos no e com o grupo, observar o desenvolvimento oral, a coordenação motora, o comportamento social, as lideranças e os excluídos socialmente pelo grupo.

Aprendi também a importância do "brincar com". Brincar junto, colocar-se ao lado, participar. Assumir naturalmente a liderança deste grupo no seu brincar. Trocar informações sobre os brinquedos de ontem e de hoje.

Pensar um currículo de uma escola que tenha o respeito à diferença como um valor começa exatamente no reconhecimento do outro, dos muitos outros, cada um em sua singularidade, como autores legítimos de sua própria história. Começa no momento em que eu estabeleço uma relação realmente igualitária não em saberes ou conceitos e concepções sobre mundo, mas em importância, em autoridade, em legitimidade.

Ao "brincar com", pude estabelecer vínculos preciosos no e com o grupo de alunos que permitiram que de volta à sala de aula pudesse desenvolver com muito mais facilidade os trabalhos coletivos, as discussões, as interpretações e produções textuais.

O currículo de uma escola se constrói nas relações que estabelecemos e na forma como nos constituímos sujeitos neste espaço. A forma como tecemos, junto com nossos alunos, um sentido para o nosso "estar" ali, transformando a escola em nossa escola, o espaço escolar em nosso lugar. Por isso, o currículo se faz vivo e presente, no pátio, no refeitório, nas áreas externas, nas quadras, nas salas de vídeo e leitura. O currículo se faz vivo também neste encontro de gerações, neste tempo compartilhado, onde o ontem e o hoje estabelecem um diálogo que permite a existência de um amanhã melhor.

Proponho pensarmos um currículo, que se permita ir muito além das discussões necessárias sobre a organização do nosso tempo escolar em ciclos. Ir muito além das questões importantes da multinterdisciplinaridade. Proponho pensarmos como as relações entre os sujeitos e seus lugares de saber podem urdir as tramas desta realidade negando, afirmando, ressignificando ou desconstruindo esse currículo. Implica pensar o currículo praticado, e como ele se torna complexo quando visto a contrapelo, quando visto pelos praticantes em situações reais, sofridas e sentidas nos espaços da escola.

Proponho pensarmos que currículo é esse que escrevemos tantas vezes sem ler. Proponho pensarmos que currículo é esse que, mesmo existindo em nós, desconhecemos. Proponho que o descubramos. Porque acredito que nele moram as respostas das perguntas que não fizemos, moram nossas contradições e nossas possibilidades. ■

Andréa Serpa
Professora do Ciep Compositor Donga (Taquara, Jacarepaguá, 7ª CRE).

Mistérios da velha senhora

Quarto curta da série Juro que Vi tem a colaboração dos alunos da Escola George Sumner

TEXTO
ALESSANDRA SAUBERMAN

Reza a lenda que quando Matinta Perera passa por um vilarejo e não encontra prendas uma tragédia acontece com quem a ouviu cantar. Se ela é pássaro, bruxa ou mestre, ninguém arrisca afirmar. Mas um grupo de 10 alunos da Escola Municipal George Sumner, do bairro do Riachuelo, Zona Norte da cidade, trabalhou com os profissionais de animação da MULTIRIO para recontar a história em versão animada. *Matinta Perera* é o quarto curta de animação da série Juro que Vi, que recebeu do Ministério da Justiça o selo Especialmente Recomendado para Crianças e Adolescentes.

O toque especial em cada curta da série vem das mãos pequeninas dos colaboradores, com idades entre quatro e 11 anos. São eles que deixam correr solta a imaginação e acatam ou sugerem discretas alterações no curso original das histórias. Antes de *Matinta Perera*, a MULTIRIO, com a colaboração das crianças, produziu *O curupira, O boto* e *Iara* – os dois primeiros premiados em diversos festivais nacionais e internacionais.

O processo de animação clássica, em papel, finalizada para cinema em 35mm, marca *Matinta Perera*, que abusa também do tom sépia para garantir à trama o clima de apreensão e mistério em seus 11 minutos de duração. Para lidar com os arquétipos do medo/coragem, belo/feio, novo/velho e com questões metafísicas, entre elas a morte, os animadores e as crianças criaram três personagens: Matinta, uma menina e um gato. A produtora Patricia Alves Dias, coordenadora do Núcleo de Projetos Especiais de Animação da MULTIRIO, conta que desde o início o desenho quis focar o lugar do idoso na sociedade ocidental. "Tentamos afastar o preconceito mostrando que sabedoria, tradição e conhecimento dependem de experiência de vida", ressalta.

REPRODUÇÃO

Ambientado no interior do Nordeste e produzido em película, sem diálogos, tal como as animações anteriores, *Matinta Perera* tem trilha sonora assinada pelo maestro Edmundo Villani-Côrtes e produção musical de Ed Côrtes. A narração fica a cargo da atriz Laura Cardoso. A produção executiva é de Regina de Assis e a direção geral, de Humberto Avelar. O diretor explica que um dos desafios da equipe de animadores foi assegurar a identidade brasileira. "Trabalhamos rotineiramente e de forma regular com filmes de animação, com a preocupação de manter a identidade brasileira ao lado de uma linguagem cinematográfica e musical que fosse universal. O resultado está em *Matinta*, um desenho sofisticado e com qualidade internacional", diz.

Sérgio Glenes, que dividiu a direção de artes com Paulo Visgueiro, acrescenta que nenhum elemento ou personagem entrou no curta por acaso. "Escolhemos uma menina, e não um menino, para se relacionar com a idosa porque queríamos evidenciar as histórias que passam de geração para geração, o ciclo da vida, a sabedoria dos mais velhos," explica.

Matinta Perera estreou em 2006, na véspera do Natal, dia 24. Fique de olho na programação da MULTIRIO para conferir uma das reprises. Fora da telinha, o curta seguirá o destino dos outros desenhos da série: os festivais de cinema no Brasil e no exterior. ■

Ponha suas idéias no papel

Há inúmeros caminhos para você realizar o sonho de publicar um livro, mas é preciso cuidado

TEXTO
BETE NOGUEIRA

Não é difícil encontrar quem deseja fazer um livro. Afinal, contar histórias é um grande prazer para a maioria das pessoas. Um sonho difícil? É, sim, mas hoje há alternativas para escritores iniciantes, com dificuldades de passar pelo funil do mercado editorial.

A internet tem sido o caminho mais fácil. Mas infelizmente abre portas para trabalhos com informações incorretas, erros de português ou pouca substância. A versão impressa, por sua vez, exige cuidado redobrado. O livro independente muitas vezes não tem a mesma distribuição e divulgação de um publicado por grande editora. O diferencial, mais do que nunca, deve ser a qualidade do material.

Antes de mais nada, o candidato a escritor deve ter o cuidado de registrar o trabalho na Biblioteca Nacional (BN)[1], onde deve ainda cuidar do registro ISBN e do depósito legal. ISBN significa International Standard Book Number. É um sistema internacional, oficializado como norma desde 1972, que utiliza um número único para cada obra. Esse número serve para individualizar o trabalho e facilitar a sua comercialização no exterior, além de agilizar a busca em livrarias e bibliotecas. O depósito legal é a obrigação de enviar um exemplar de tudo o que é publicado no Brasil para ficar arquivado na BN.

Depois, é só procurar entre as diversas alternativas disponíveis hoje. Seguem algumas sugestões, o que não tira a responsabilidade do escritor de procurar mais referências e avaliar minuciosamente o contrato antes de fechar o negócio. Boa sorte.

- **Fábrica de Livros** – A editora Fábrica de Livros, do Senai, já imprimiu mais de 7 mil títulos, de diversos autores. E dá uma "força" aos novos talentos, promovendo um concurso literário cujo resultado é anunciado na Bienal do Livro. As inscrições podem ser feitas até 31 de maio.
  Senai Artes Gráficas (Prédio 1 – térreo)
  Rua São Francisco Xavier, 417 – Maracanã.
  Tel.: 3978-5300.
  E-mail: flivros@terra.com.br

- **Armazém Digital** – Oferece o livro digital sob demanda, ou seja, textos em formato digital que são impressos um a um, para atender ao pedido do usuário. O acabamento segue os padrões usuais do mercado.
  Avenida Ataulfo de Paiva, 270 – Loja 104 – Leblon. Tel.: 2274-5999.
  Site: www.armazemdigital.art.br

- **Câmara Brasileira do Jovem Escritor (CBJE)** – A Câmara desenvolveu um sistema que permite pequenas tiragens (a partir de 30 exemplares) de livros de poesias, romances, didáticos etc. Informações: 3393-2163.
  Site: www.camarabrasileira.hpg.ig.com.br/index.htm

- **Usina de Letras** – Permite a simulação de orçamentos para saber o investimento necessário para a publicação. O preço inclui todos os registros legais para o livro, criação e finalização da capa, revisão de textos, editoração eletrônica e impressão em *off-set*.
  Site: www.usinadeletras.com.br

- **Papel & Virtual** – Oferece duas opções de publicação. Há a edição simples, com capa básica na versão impressa e a publicação digital em formato editor de texto. E, se o autor desejar, pode optar pelos serviços avulsos da editora, de acordo com a tabela de preços.
  Site: www.papelvirtual.com.br/sitenovo/index2.asp

- **Rede de Escritoras Brasileiras (Rebra)** – Para quem já está no mercado e quer ter mais contato com outras autoras, existe a Rebra, uma ONG que pretende reunir o maior número de escritoras do país que se sintam compromissadas com a literatura, a cultura e a justiça social. Para informações e cadastramento: www.geocities.com/~rebra/ ■

[1]Biblioteca Nacional – Escritório de Direitos Autorais: Rua da Imprensa, 16 / 11º andar - Centro. Tel.: 2220-0039. www.bn.br

Nova organização da escola

A idéia do ciclo de formação escolar pressupõe o desenvolvimento pleno do sujeito humano

TEXTO
EDIVAL SEBASTIÃO TEIXEIRA, PROFESSOR DA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (UTFPR)
ARTE
DAVID MACEDO

Este artigo tem por objetivo contribuir para a discussão sobre ciclos de formação, apresentando alguns aspectos essenciais da teoria vigostkiana acerca do desenvolvimento psicológico. O texto aporta alguns elementos importantes para a elaboração e para a operacionalização do conceito de ciclo de formação humana no contexto da educação escolar.

O pressuposto básico da teoria de Vigotski é que o desenvolvimento humano e a educação são dois processos que estabelecem entre si relações de reciprocidade e assim não é possível conceber qualquer um deles atuando de forma independente. Nessa teoria a educação é a forma universal do desenvolvimento psíquico, o que equivale a dizer que esse processo não prescinde de uma ação educativa e que o indivíduo da espécie humana aprende a se tornar homem ou mulher no seio da prática social. O conceito de aprendizagem diz respeito ao amplo processo pelo qual os indivíduos humanos vão se constituindo como sujeitos ao longo de sua existência, apropriando-se do resultado da cultura.

Então, se o desenvolvimento humano e a aprendizagem são as duas faces de um mesmo processo, a aprendizagem que se processa no ambiente escolar é um aspecto particular do amplo processo de constituição do sujeito. Em outras palavras, é um aspecto particular do amplo processo de formação do sujeito humano.

Na teoria histórico-cultural as etapas do desenvolvimento psicológico, que são chamadas de idades, correspondem a determinados períodos mais ou menos prolongados, caracterizados pela existência de uma formação psicológica especifica que define os limites e as possibilidades do sujeito em sua relação com o mundo. Essa formação psicológica, também denominada neoformação, caracteriza-se por ser um tipo de estrutura da personalidade e da atividade do sujeito que determina no aspecto mais importante e fundamental a consciência, o modo pelo qual o sujeito se relaciona com o meio, a vida interna e externa e, mais amplamente falando, todo o curso do desenvolvimento.

Na dinâmica da passagem de uma idade a outra, as transformações que ocorrem no processo de desenvolvimento podem se desencadear de maneira lenta e gradual, chamadas de idades estáveis, ou de maneira crítica e vigorosa, denominadas idades críticas.

Nas idades estáveis o processo ocorre de uma forma em que as mudanças na personalidade são quase imperceptíveis. Nesses períodos não são produzidas mudanças bruscas capazes de reestruturar a personalidade inteira da criança. As idades críticas compreendem lapsos de tempo relativamente curtos, nos quais ocorrem mudanças bruscas e rupturas no psiquismo, de modo que a personalidade muda por completo. Porém, as crises surgem de forma quase imperceptível, o que torna bastante difícil determinar o seu começo ou o seu fim em relação às idades contíguas.

A dinâmica das idades comporta ainda o conceito de situação social do desenvolvimento, que, apesar do nome, não faz nenhuma referência à situação socioeconômica das pessoas. O conceito decorre da própria tese fundamental da psicologia histórico-cultural, segundo a qual o psiquismo é determinado socialmente. Portanto, trata-se do fato de que os modos de relação interpessoal estão marcados pelas posições que as pessoas ocupam no contexto relacional, em termos

de uma certa maturidade. O autor considera a situação social do desenvolvimento como ponto de partida para todas as transformações dinâmicas que se produzem durante cada idade. Com efeito, é nesse contexto relacional que se determinam as propriedades da personalidade, tendo em vista que a realidade social é a verdadeira fonte e a verdadeira condutora do desenvolvimento.

O que caracteriza uma idade, cujo conteúdo específico é dado na cultura, é a atividade dominante, isto é, a principal atividade, aquela que domina o processo de constituição do psiquismo em determinada idade. Porém, considerando que o desenvolvimento ocorre porque o sujeito se apropria das formas de cultura socialmente elaboradas, e que essas formas são mutáveis, devemos concordar que o conteúdo de cada estágio do desenvolvimento é mutável. Quer dizer, apesar do caráter periódico do desenvolvimento, o conteúdo dos estágios depende das condições concretas nas quais ocorre o desenvolvimento. Ou seja, o que determina o conteúdo não é propriamente a faixa etária em que o sujeito está, porque os próprios limites de uma idade dependem de seu conteúdo e se alteram em conjunto com as transformações nas condições histórico-sociais do sujeito.

No processo do desenvolvimento as idades vão sendo superadas, as atividades dominantes, substituídas, enfim, o domínio da realidade vai se efetivando sob outras bases, na medida em que o sujeito cresce e experimenta o mundo. O mecanismo que provoca e desencadeia a mudança da atividade dominante evidencia-se a partir do momento em que a criança começa a se dar conta de que o lugar que ocupa no mundo das relações humanas não corresponde mais às suas potencialidades e se esforça para modificá-lo.

Ao longo da sua vida, o sujeito assimila, transforma e se apropria de formas sociais de conduta, de modo que o seu desenvolvimento se oriente no sentido da conversão das relações sociais em funções psicológicas. Assim, as transformações mais relevantes para a constituição do sujeito não estão enraizadas na sua biologia, mas nas suas circunstâncias histórico-culturais e nas suas experiências particulares. Portanto, levando-se em conta o conceito de situação social de desenvolvimento, o fato de que em cada idade predomina um tipo de atividade e que existe uma neoformação psicológica típica, e o fato de que a aprendizagem de conteúdos escolares requer, pelo menos nos momentos iniciais de cada fase da escolarização, um certo nível de maturação de certas funções psicológicas, podemos dizer que a teoria histórico-cultural orienta na direção de que os ciclos de formação devam ser periodizados consoante às etapas do desenvolvimento psicológico.

Os critérios de demarcação dos ciclos seriam de naturezas distintas: biológicos, no sentido de que a aprendizagem e o desenvolvimento pressupõem um certo grau anterior de maturação; cognitivos, no sentido da intelectualização das funções psicológicas, cujo ápice representa seu uso consciente e intencional; comportamentais, como o sugerem a atividade dominante e as atitudes típicas das idades críticas e das estáveis; e, fundamentalmente, histórico-culturais, uma vez que a delimitação dos períodos do desenvolvimento depende de condições históricas concretas e que o conteúdo mesmo de cada idade seja de alguma forma determinado pelas formas de cultura socialmente elaboradas.

Para concluir, a idéia de ciclo de formação, de acordo com os pressupostos mencionados, implica o desenvolvimento pleno do sujeito humano. Desenvolvimento este que, pelo menos do ponto de vista da educação escolar, deve ser guiado por mediações bem orientadas, tendo em vista que o seu conteúdo depende muito menos da fisiologia cerebral do que das condições concretas da existência. ■

Sem limites para os sonhos

As travessuras da boneca Emília, os medos do fantasminha Pluft, a ferrugem azul de Raul, sem falar das aventuras de Tom Sawyer ou do Jogo do Contente de Pollyana. Todos esses personagens e suas características envolventes fazem parte do imaginário de qualquer um que tenha passado a infância rodeado de livros ou ouvido a mãe ou a avó contar coisas fantásticas antes de dormir. As narrativas destinadas ao público infantil ou juvenil não são histórias menores, em linguagem tatibitate, feitas para quem ainda não está preparado para apreciar literatura, como circula no senso comum. Elas fazem parte de um universo sem limites, onde qualquer criança pode viver situações mágicas, ser o que mais deseja e falar de qualquer coisa de maneira aberta e franca.

Histórias infanto-juvenis podem ser tão bem feitas quanto as destinadas ao público adulto, desde que levadas a sério por quem as produz. É preciso que seus autores tenham respeito por seu público e mergulhem nesse universo sem depreciar crianças ou jovens, e sem o receio de parecer imaturos. Autora de livros infantis e juvenis e doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), a professora Ieda de Oliveira conta que essa literatura nasceu órfã, negada que foi em pleno século XVII por seu mais ilustre precursor: "Charles Perrault[1], quando resolveu reproduzir em *Contos da mamãe gansa* as histórias que ouvia quando criança, para presentear a neta do Rei Luís XVI, omitiu-se como autor. Atribuiu o livro, cujo título original era *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*, ao filho, Pierre Darmacour, na época ainda uma criança". De acordo com a escritora, ele tomou essa atitude por pertencer à corte francesa e considerar a sua produção um texto menor, sem qualidade literária.

Quando a escola assumiu o papel de educar as crianças, a literatura infanto-juvenil entrou nesse processo como um instrumento de ensino. Segundo Ieda, essa é a mais equivocada maneira de se ver a literatura infantil e juvenil. Ela explica que educar e ensinar não são sinônimos, como reza o senso comum: "Literatura é um produto artístico e não de ensino. "[A palavra] ensinar é [etimologicamente formada por] *in* + *signare*, [uma ação que] marca de fora para dentro a mente da criança, ao passo que educar é [formada por] *ex* + *ducare*, tira de dentro para fora, faz o outro perceber o que está no entorno, ajuda-o a ter conhecimento. Educar é a função de qualquer manifestação artística", completa a escritora.

Quando há a intenção de ser pedagógica, de dar lições de moral, a literatura infanto-juvenil perde a sua qualidade, afirma a autora Anna Cláudia Ramos, que credita o valor da história à sua possibilidade de sensibilizar e mergulhar na fantasia de crianças e adolescentes. "O livro de qualidade nos permite entrar por diversas portas e janelas, possibilita várias leituras. Permite que você o leia aos sete, aos 15 e aos 30 anos de um jeito diferente. E em cada momento da vida, você vai descobrindo o porquê de ter gostado tanto dele", ressalta.

TEXTO
CAROLINA BESSA
FOTOS
ALBERTO JACOB FILHO

Criança não é boba – Para o presidente da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEI-LIJ), Luiz Antônio Aguiar, histórias com pretensões explícitas acabam afastando a criança do livro, porque ela percebe que um adulto escreveu aquilo somente para tentar adestrá-la. Ela não é boba e sabe exatamente qual a intenção daquela leitura. Para Ieda, a garotada lança mão de certos artifícios quando está diante de um livro com conteúdo didático. A própria escritora teve uma experiência assim na infância, e durante muito tempo ficou sem entender por que tinha apreciado a tal história. Já na fase adulta, percebeu que só captava os aspectos mágicos da narrativa e punha de lado o conteúdo de ensino. "O texto pode ter aspectos didáticos, mas a criança os salta. É a parte chata que a gente não grava", conta.

A existência de uma literatura destinada ao público infanto-juvenil não significa que crianças e jovens não possam ter acesso a outros tipos de literatura, assim como não impede que um adulto se encante com as histórias a elas dedicadas, mas os enfoques variam conforme o público. Em sua tese de doutorado *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*, Ieda de ▶

[1]Charles Perrault nasceu em 1628 em Paris. Além de escritor, foi advogado e trabalhou como superintendente em algumas obras de Luís XIV. Com quase 70 anos, escreveu o livro *Histórias ou contos do tempo passado com moralidades*, que ficou conhecido como *Contos da mamãe gansa*. A publicação continha 11 histórias, entre elas *A bela adormecida, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, O pequeno polegar* e *O gato de botas*.

Oliveira, faz um estudo sobre a existência de uma espécie de contrato de comunicação intuitivo, pegando emprestado o termo do vocabulário jurídico, ou seja, um contrato que nada mais é que um conjunto de cláusulas que define direitos e deveres das partes contratantes. Na verdade, a escritora quer dizer que não há um documento escrito registrado em cartório, mas um acordo

Para Anna Cláudia, a literatura infantil perde a qualidade quando tem uma intenção pedagógica

estabelecido entre quem produz e quem interpreta (lê). Para cada gênero textual, existe um tipo de contrato, e o da literatura infanto-juvenil tem as suas especificidades.

"O contrato da comunicação[2] de cada gênero ou conjunto de gêneros textuais deixa à pessoa que fala ou escreve uma margem de manobra dentro da qual ela atua, estabelecendo estratégias para atingir os objetivos do seu projeto de comunicação", reforça a escritora em artigo publicado em seu livro *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor*. Por isso, é preciso seguir alguns caminhos para tornar uma história vitoriosa do ponto de vista da comunicação, do poder que ela terá de ser compreendida e conseqüentemente amada por seu público. O contrato que rege a relação adulto-criança é diferente da relação entre dois adultos. Uma das regras é a linguagem, e neste aspecto o escritor tem uma margem de manobra muito pequena, com limitações no léxico e com uma estrutura narrativa que deve ser capaz de compreender e falar sobre um tema, respeitando a visão de mundo de crianças e jovens.

Fascinar, fazer sonhar – Nesse contrato tácito de comunicação na literatura infantil estão as ilustrações. Na visão de Ieda, as imagens podem *educar* o olhar do leitor para a arte. Quando chegam à adolescência, meninos e meninas já sabem como "viajar" sozinhos a partir de narrativas, imaginando situações e personagens. Mas as crianças precisam do concreto para associá-lo às palavras, e as imagens criam referenciais para o que elas lêem. Ilustrações ajudam na compreensão dos textos e servem para elas "viajarem" na narrativa, ou mesmo recontarem a própria história. Isso acontece principalmente com quem ainda não sabe ler, mas adora folhear um livro.

No filme *Abril despedaçado*, o menino Pacu, assim como toda a família, é analfabeto e vive no sertão, longe de tudo e de todos. Um dia recebe um livro de presente de artistas que passam pela estrada em frente à casa em que mora. Naquele momento, o mundo da criança se transforma. Em vez de apenas conhecer a realidade dura do trabalho na lavoura de cana-de-açúcar, passa a construir a história mágica de uma sereia, através das imagens que observa. Ao ser questionado pelo pai por perder tanto tempo com um livro nas mãos, mesmo sem saber ler, ele retruca: "Sei 'ler' as figuras". Essa é uma demonstração do poder que o livro tem de fascinar e fazer sonhar.

Chegar ao coração e à mente das crianças nem sempre é fácil. Muitos autores relutam em dizer que quando estão escrevendo um livro têm um destinatário na cabeça. A escritora Ana Maria Machado fala sobre isso em uma entrevista concedida a Anna Cláudia Ramos no livro *Nos bastidores do imaginário*: "Durante muito tempo insisti em dizer que não pensava em ninguém, em nenhum destinatário quando eu estava fazendo um texto. Acho que durante uns 10 anos eu disse isso, porque realmente não era uma coisa consciente", explica a autora de *História meio ao contrário*. Em seguida, Ana Maria ressalta que passou a perceber que não escrevia para um leitor genérico, mas para alguém específico, que era o sobrinho de 12 anos, ou o filho de oito anos.

[2]Os conceitos de contrato da comunicação e projeto da comunicação estão na análise semiolingüística do discurso, do teórico francês Patrick Charaudeau.

Um dos assuntos mais intrigantes para Anna Cláudia Ramos ao escrever um livro infantil foi trabalhar o tempo, que é algo abstrato. Apesar de a criança possuir um imaginário rico e farto, ela pensa de forma concreta. Portanto, se alguém disser "Vá lamber sabão!", ela imediatamente imagina o sentido literal da frase. Ou se alguém comentar que, ao engolir um caroço nasce uma árvore na barriga, ela constrói a cena exata na sua cabeça. Foram cinco anos de muita reflexão até que Anna conseguisse atingir seu objetivo na obra *Hoje é amanhã?*. "Eu não podia falar para uma criança pequena sobre tempo interior, sobre passado, presente e futuro. Portanto, ao escrever literatura infantil e juvenil, há especificidades sim", reitera.

Para Ieda de Oliveira, as crianças vivem a fase do pensamento mágico, que é transformadora e ao mesmo tempo uma referência imediata. Portanto, não dá para escrever para elas em metáforas. "Se você chegar perto de uma criança e disser que é um monstro, ela vai gritar, porque realmente estará vendo um monstro diante de si", exemplifica. Já o jovem, segundo ela, está na fase do pensamento operacional-abstrato, refletindo, observando, está em um momento da vida em que busca a sua identidade e o seu espaço. E aí voltamos à questão do contrato da comunicação: é preciso pensar com quem está sendo firmado determinado contrato, a quem está sendo destinado o objeto da comunicação. ▶

Histórias por todos os meios

A narrativa para crianças e adolescentes não passa somente pelo livro, mas encontra eco na contação de histórias, nas peças teatrais, no cinema, nos desenhos animados, nos gibis e nos *CDs*. Essas mídias e formas de expressão também cativam o pequeno leitor, que consegue descobrir um universo fantástico. Muitas histórias de Maria Clara Machado são vistas por gerações e gerações nos teatros, como *O rapto das cebolinhas* e *Pluft, o fantasminha*. Outras tantas crianças tomaram gosto pela leitura com as histórias da Turma da Mônica.

O teatro tem suas particularidades, como ressalta Carlos Augusto Nazareth, em seu artigo "O que é qualidade em teatro infantil"[1] Para atingir o seu público, precisa não só do texto, mas do ator (corpo, voz e interpretação), além de cenário, figurino, música e luz. "O espetáculo teatral transmite idéias, emoções. São diversas narrativas que se unem para formar um todo final: o espetáculo", justifica. O que faz o teatro infantil ter qualidade envolve algumas questões da literatura infantil, como discutir questões básicas do universo humano dentro do nível de compreensão da criança, mas sem a intenção de ensinar algo. O teatro tem que ser arte, que é a sua função. O cinema e a TV assumem o papel de entreter, também falando de igual para igual para as crianças.

A contação de histórias é outra forma de envolver os pequeninos. Hoje existem contadores que se apresentam em escolas e bibliotecas. O grupo Tapetes Contadores, por exemplo, usa tapetes, malas, aventais e caixas como cenário para contar as suas histórias. Ao fim, apresentam aos pequenos espectadores o livro de onde foi tirada a história. Eles já trabalharam com *Cabe na mala?* e *Avental que o vento leva*, de Ana Maria Machado. O trabalho visa resgatar a tradição oral através da manifestação cultural recorrente em várias culturas, que é a arte de contar histórias com tapetes e painéis.

Os gibis podem ser narrativas extremamente sedutoras para as crianças. Luiz Antônio Aguiar, que também é roteirista de histórias em quadrinhos, começou a ler por causa de Carl Barks, roteirista da Disney. Segundo ele, a combinação de diálogo, onomatopéias, legendas, imagens e cenas em seqüência prendem a atenção do leitor e desenvolvem a capacidade de ler, embora nem sempre um leitor de gibis vá se interessar por um romance. Entretanto, pais e professores devem respeitar essa preferência pelas histórias em quadrinhos, já que elas têm elementos interessantes para o desenvolvimento da leitura.

E, por fim, a arte de narrar passa por outros meios. Quem nunca ouviu falar da coleção Disquinho? Trata-se de uma série de discos com histórias infantis produzidos pelo compositor Carlos Alberto Ferreira Braga (1907-2006), o Braguinha, hoje lançados em *CD*. Nas décadas de 1950 e 60 ele escreveu, adaptou e musicou temas infantis como *A cigarra e a formiga, Os três porquinhos, Festa no céu* e *A história da Baratinha*. Para o escritor Luiz Antônio Aguiar, as várias formas de contar uma história têm um gosto especial. "A narrativa é importante na dança, no quadro, na escultura. São artes e portanto embelezam a vida", finaliza.

[1]O artigo está no livro *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?*, organizado por Ieda de Oliveira.

Brincar de escrever – Escritores sem filhos, sobrinhos ou netos, ainda assim, podem compreender o universo infantil. É Anna Cláudia que mais uma vez aponta o caminho sobre o fazer artístico. Segundo ela, ao escrever, qualquer um pode evocar a criança que foi um dia e repetir exatamente o que fazia em seus "áureos tempos": brincar, inventando mundos, personagens e histórias: "Ou você resgata o seu imaginário de criança, esse lado de brincar, ou não se comunica. Senão, vira um chato de um adulto querendo ensinar alguma coisa para uma criança", explica a escritora. E para isso basta resgatar o seu lado infantil, o lado Emília que todo mundo tem, de transformar situações, reinventar coisas e transgredir o que está estabelecido.

Embora as crianças tenham uma capacidade infinita de fantasiar, elas sabem exatamente quando estão lidando com o mundo imaginário ou com o real. O livro é capaz de levá-las a esse primeiro universo, em que é possível sonhar, recriar suas histórias, viver outras experiências. Mas quando essa história é interrompida elas imediatamente voltam à vida real. É como as crianças costumam fazer ao brincar. No mundo da brincadeira, existem regras diferentes das praticadas na vida real. Assim, elas mergulham nas verdades dessa atividade lúdica, mas saem delas quando preciso.

Ao mesmo tempo em que crianças e jovens buscam identidade em determinada história, eles também precisam fugir de sua realidade. Doutora em literatura infantil e juvenil pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e idealizadora da Aplic – Oficina da Palavra, a professora Rosa Cuba Riche lembra que os meninos de rua da Escola Tia Ciata, na Cidade Nova, onde desenvolveu um projeto, certa vez pediram-na para ouvir histórias, mas não queriam nada sobre crianças abandonadas. Para eles, o interessante era saber mais sobre castelos, fadas e cavaleiros. O inverso também acontece. Crianças de classe média ficam encantadas com narrativas que falam de desigualdade social. Rosa lembra do fascínio do livro *Uólace e João Victor*, de Rosa Amanda Strausz, que insipirou o primeiro episódio do seriado de TV *Cidade dos homens*.

Mas se existem regras estabelecidas na forma de escrever ao público infanto-juvenil, a temática nessa literatura é livre. Não existe restrição, tampouco assunto que não possa ser falado para crianças e para jovens. O que muda é a forma da narrativa. A maneira de falar para os dois públicos é diferente, embora os arquétipos sejam os mesmos. É possível falar do tempo, da solidão, da morte, da felicidade, das perdas. "Repara só como o lobo mau exerce fascínio – a goela devoradora, o arquétipo da vida e da morte. Se você faz um trabalho que mobiliza o inconsciente coletivo, você está a um passo da sedução. E todas essas coisas da humanidade são elementos de sedução", ensina Ieda de Oliveira.

Os contos de fadas, por exemplo, incorporam arquétipos e são baseados em mitos, narrativas circulares que começam, se desenvolvem e terminam para começar tudo de novo. Rosa Cuba Riche lembra que há modelos universais adaptados a cada época e situação, assim como mitos gregos e histórias medievais. Ela cita o caso do personagem mais famoso da atualidade, Harry Potter – um bruxo, um tipo específico da Idade Média. Além disso, sua história reúne características que falam do universo da criança, que é a existência do menino *cê-dê-efe*, do mais esperto da turma, do tio mau de quem todo mundo tem medo.

Não há uma fórmula mágica, mas uma maneira de narrar, que faz o leitor ficar curioso, se identificar com o personagem. Um mito im-

portante presente em muitas histórias infantis é o do órfão, lembra Luiz Antônio Aguiar. "Por alguma razão, qualquer criança tem um medo enorme de ficar sozinha no mundo, daí ficar tocada com histórias assim. É um personagem que sofre, sofre e no fim acaba feliz. Isso está presente na história do Patinho Feio, que vira cisne e em *Harry Potter*, que descobre ser o melhor bruxo do mundo", explica o autor de *O cavaleiro das palavras*.

Felizes para sempre – O *happy end* por si só não é garantia de uma história de qualidade, ou mesmo de sucesso de público. As histórias criadas no século XIX, época de ascensão da burguesia, tinham características ácidas, mas não menos sedutoras. Rosa lembra que a história de João e Maria foi criada em uma época em que havia fome na França, daí as crianças terem sido abandonadas na floresta pelo pai e pela mãe. O mesmo aconteceu com a Chapeuzinho que foi devorada pelo Lobo Mau. Numa versão posterior, os irmãos Grimm[3] adocicaram as histórias, e então João e Maria encontraram uma casa de doces e Chapeuzinho foi salva por um caçador.

Na época de João e Maria, as crianças eram vistas como adultos em miniatura e as histórias ou eram apropriadas para crianças ou para adultos. Hoje a proposta é que a literatura infanto-juvenil trate de qualquer tema, mas de maneira sensível e mágica, o que está longe de ser superficial ou camuflado. Isto faz com que o final feliz não seja obrigatório.

A escritora Ieda de Oliveira, por exemplo, abordou a morte de forma sutil em *Emmanuela*, em que duas crianças se deparam com a morte da irmãzinha recém-nascida. Outro exemplo bastante ilustrativo é o de *Meu amigo pintor*, de Lygia Bojunga Nunes, que começa a narrativa com um suicídio.

Rosa Cuba Riche desenvolveu um projeto com crianças da Escola Municipal Tia Ciata, Centro

Para Anna Cláudia Ramos, o mais importante é que a história termine com uma dose de esperança. Mesmo um fato triste pode gerar uma reflexão de otimismo, um sentimento de renovação. "Às vezes, os adultos não querem falar sobre a morte com as crianças, mas elas vão conviver com a morte de um familiar ou de um bichinho de estimação e com outros tipos de perda como a de um amiguinho que mudou de escola ou de um outro que saiu da cidade", ressalta a autora de *Nos bastidores do imaginário*.

Nos livros para adolescentes, há ainda o tabu de falar abertamente sobre sexualidade. O mercado editorial nem sempre está disposto a encarar temas espinhosos e abordagens polêmicas. Isso em parte decorre da insistência com a qual escolas religiosas encaram o assunto – de forma conservadora e obscura –,o que faz com que jamais encomendem livros que possam despertar um tipo diferente de reflexão no jovem. Anna Cláudia conta que certa vez resolveu escrever a história de uma menina que havia perdido a virgindade e terminava o namoro, e que em seguida conhecia outro rapaz e ficava cheia de dúvidas sobre que decisão tomar. Uma editora ficou receosa de publicar a história, porque ela falava abertamente sobre virgindade, e o que na verdade os editores queriam era ▶

[3]Os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm recolheram da memória popular histórias, contos, lendas ou sagas germânicas, conservadas por tradição oral. A primeira compilação desses textos data de 1810 e tem 51 histórias. Em sua primeira edição foi chamado de *Histórias das crianças e do lar*, onde Jacob e Wilhelm recontam algumas histórias já reunidas por Perrault e adocicam seus finais. Entre as mais conhecidas presentes no livro estão *Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, João e Maria, Rapunzel* e *O ganso de ouro*.

que ela apenas insinuasse que a personagem havia tido relações sexuais. A autora não aceitou que seu texto fosse modificado, já que o conflito interposto à narrativa era se a menina teria ou não relações sexuais uma segunda vez.

Em outro momento, Anna Cláudia resolveu abordar a homossexualidade e tratar o assunto às avessas, em vez de cair no lugar-comum. A menina da história não era problemática e foi aprendendo a lidar com a sexualidade, sempre tendo por perto o apoio da mãe. "Certa vez chegaram para mim e perguntaram se eu não estaria induzindo uma jovem a se tornar homossexual. Aí eu questionei se alguém havia perguntado a Agatha Christie, que escreve livros sobre crimes misteriosos, se ela achava que estava formando assassinos em série. Se alguém lê o livro e se assume homossexual é porque aquilo já existia dentro dela. Existe ainda um preconceito enorme. A gente está sempre querendo uma culpa externa", pondera a escritora. Os pais, por sua vez, também têm a sua responsabilidade nisso. Muitos não querem falar de sexualidade porque não sabem lidar com ela. Mas se têm uma boa relação com o tema, vão passá-lo de forma natural para a criança ou para o jovem.

A adequação a uma linguagem acessível e a uma narrativa de estrutura simples, em que há começo, meio e fim, pode fazer com que crianças se interessem por clássicos universais através

Não é tarefa simples escrever às crianças

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS*

Ao fantasiar, experimento a liberdade. Não há preconceitos, limites ou paredes nesse ato fundador do humano, de buscar (em vão) decifrar o absoluto. Fantasiar é o exercício de indagar sobre o meu tamanho, para concluir sempre que minha inquietação diante da finitude não resiste horizontes. Há sempre um depois do depois. E só no trabalho criador encontro lugar para fazer da fantasia a matéria primordial de meu ofício.

Mas a fantasia não convive com o individual. Por ser filha da dúvida, ela me abre para o diálogo, o encontro, a coesão. Daí a necessidade de lhe dar corpo para que ela se faça uma experiência coletiva. Não se é livre sozinho. Não se fantasia por vaidade, mas pela posse da fragilidade, por saber que com vários olhares se vê com melhor nitidez. Escrevo para o outro sem me afastar de mim.

A arte, bem como a literatura, nasce da liberdade de fantasiar e não suporta prisões. Tentar engaiolar o fruto da liberdade é lhe cortar as asas, impedir seus vôos, que alcançam maiores distâncias quando impulsionados por muitos sopros. Conhecemos a necessidade da liberdade, mas desconhecemos sua extensão. Por ser assim, compreendo, como tantos outros, que o homem possui o tamanho de sua fantasia. O sujeito alcança onde sua fantasia toca.

Ao fazer uma relação entre fantasia e liberdade quero compreender que tanto não se esgota a fantasia como é impossível impedir a experiência da liberdade, quando diante da arte, tanto como criador como fruidor. E mais, por compreender a literatura como arte, sei que ela abre portas, mas a paisagem mora no coração do leitor. E, construída a partir da liberdade, a literatura liberta o leitor. Leitor e escritor se somam e escrevem uma terceira obra que jamais será editada. O texto literário revela, mas não invade a intimidade do leitor.

Daí saber que meu texto surge diante do incômodo de perceber que meu olhar não esgota os objetos. Eles são além de mim. O olhar apenas acaricia a superfície. Escrever passa a ser um convite para que o leitor ajude a trazer para mais perto o mistério do mundo. Minha escrita surge do não saber.

Não tenho a pretensão de escrever "para" as crianças. Esse "para" me soa como se eu fosse um ser acabado, concluído. E eu sei que me faço e me refaço a cada momento sem arranhar o nirvana. Acredito que na infância somos mais densos, mais inteiros, mais completos. Convivemos com a fantasia, a liberdade, a espontaneidade, a inventividade, sem saber os seus nomes. São elementos inerentes e necessários à vida, instrumentos de sobrevivência, ferramentas para operar o cotidiano. Crescer é diluir ao longo da existência essa fortuna que nos é creditada no nascimento.

Mas para mim não é tarefa simples escrever às crianças, como também não é simples ser professores ou pais. Nossa infância está tão distante de nós, e a palavra "não" já está bastante incorporada em nossa fala, de maneira quase definitiva. E o convívio com os mais jovens só se faz possível quando somos capazes de reinventar a infância perdida. Coisa possível a aqueles que preservam a liberdade.

Como me é impossível ser novamente criança, construo um texto com minhas lembranças de quando estive lá. Preser-

de livros adaptados. Alguns especialistas em literatura são contra, devido ao risco de perda da qualidade da obra original, mas escritores de literatura infantil e juvenil são favoráveis. Isso porque o apego a uma história, quando criança, fará o leitor maduro certamente recorrer ao original para conhecer com mais detalhes a trama que o encantou. Luiz Antônio Aguiar já escreveu adaptações de clássicos como *As aventuras de Tom Sawyer, O conde de Monte Cristo, Rei Arthur* e *Oliver Twist*. Para ele, o importante é respeitar a riqueza narrativa do original. "Você não pode pegar um garoto de 12 anos e entregar as duas mil páginas de *Dom Quixote* ou os oito volumes de *As mil e uma noites*. Não dá para esperar que ele leia. Essas leituras são verdadeiros projetos de vida", acredita.

Mergulhar nos clássicos universais, nos contos de Machado de Assis ou conhecer *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, *Bem do seu tamanho*, de Ana Maria Machado, ou a famosa *Droga da obediência*, de Pedro Bandeira, é uma aventura sem igual. A literatura para crianças e jovens tem os seus desafios no contrato firmado com seus pequenos e não tão pequenos leitores, como vimos, mas se a criatividade, a qualidade do texto e outras regras da boa narrativa estiverem presentes, o escritor poderá comemorar: conseguiu carimbar o passaporte de crianças e jovens rumo ao mundo da fantasia. ■

SAIBA MAIS

Livros

- OLIVEIRA, Ieda de. (org.) *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor*. São Paulo, Difusão Cultural do Livro, 2005.
- OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato da comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2003.
- RAMOS, Anna Cláudia. *Nos bastidores do Imaginário: criação e literatura infantil e juvenil*. São Paulo, Difusão Cultural do Livro, 2006.
- NÓS DA ESCOLA n. 37 traz o perfil do compositor Braguinha.

Sites

- www.docedeletra.com.br
- www.anamariamachado.com.br

vo na memória meus espantos, meus sustos, minhas tristezas, meus encantamentos diante de um mundo inteiro ainda por conhecer. Não quero um texto nostálgico, por entender que não se volta na história, mas não nego a importância do conhecimento da tradição. Não se cresce sem deixar rastro. Procuro construir uma escritura que possa conversar com o mundo da criança, preservando seu universo, e não para lhe roubar a infância que irremediavelmente já perdi.

Sim, pretendo elaborar um texto claro, em ordem direta, com as palavras simples, o que não enfraquece uma escrita. Não quero, no entanto, negar aos jovens leitores as minhas dúvidas, minhas inquietações, meus desasossegos. Para tanto, me amparo nas metáforas: digo "isso" que também pode ser entendido como "aquilo". Quero um texto capaz de abrigar a singularidade de cada leitor. Isto, suponho, só é possível quando descobrimos que adulto não é sinônimo de verdade.

Mas, diferentemente de outras linguagens da arte, para que tenhamos entrada na literatura é pré-requisito ser alfabetizado. O convívio da criança com a fantasia e a liberdade vai depender do processo de alfabetização que elegemos. Se compreendemos que alfabetizado é aquele que sabe apenas juntar e separar letras, a literatura se torna dispensável. Mas, se alfabetizado é aquele que faz também uma leitura do social, do cultural, do político, a literatura se estabelce como o caminho essencial.

Assim, no meu ato de escrever penso também no objeto livro. Se faço um texto com o que há de melhor em mim, gosto de vê-lo apresentado de maneira sedutora. Para tanto, o ilustrador se faz indispensável. Mesmo compreendendo que literatura é feita de palavras e que ler é apropriar-se das palavras, e que as coisas são nomeadas pela palavra, cabe ao ilustrador ser o meu primeiro leitor, capaz de expressar sua leitura por meio de linguagem plástica realizada a partir da sua liberdade e fantasia, para que o livro tenha outros entendimentos e outras admirações.

Mas tenho como crença que é o meu conceito de criança – e cada criança merece um conceito – o que vai dar norte à minha produção. Não penso a infância sem associá-la ao futuro. Presenteamos a criança com o mundo que construímos. Eu me nego a atribuir aos mais jovens o trabalho de "remendar" uma história feita de injustiças, violências, guerras, fomes. Que elas sejam construtoras de um tempo em que a soberania dos homens se sobreponha a outros valores.

Por assim pensar, desprezo uma educação repetidora, que ignora a força da fantasia infantil, que nega espaço para que a liberdade alimente o sonho, que desconhece a precariedade do real e esquece que a vida só é possível reinventada. Recuso uma escola e uma sociedade que rejeitam o "educar" em detrimento do "adestrar". Imagino uma escola em que a literatura não sirva apenas para abrilhantar o currículo, mas desejo um currículo feito de afeto, liberdade e fantasia, como convém à literatura e fundamental para que encontremos mais e mais a nossa própria humanidade.

*Escritor, ganhador dos Prêmios Jabuti, Academia Brasileira de Letras, Nestlé de Literatura e Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Mais de 600 animais ameaçados

Ação do homem é responsável pelo desequilíbrio ecológico em curso na fauna e na flora brasileira

TEXTO
MARTHA NEIVA MOREIRA
FOTOS
DIVULGAÇÃO

Lobo-guará, mico-leão-dourado e tartaruga marinha são espécies da fauna brasileira em perigo de extinção, como nós todos sabemos. O que poucos sabem, no entanto, é que da lista oficial do Ministério do Meio Ambiente (MMA) já constam mais de 600 animais. Em todo o território nacional, há borboletas, caranguejos, aranhas, pererecas, baleias, golfinhos, alguns tipos de aves, onças, entre outros bichos, que por conta de inúmeras razões naturais e especialmente pela ação do homem podem desaparecer.

A intervenção do homem, principalmente o desmatamento, tem sido responsável pela situação de fragilidade e pelo desaparecimento de diversas plantas e animais no planeta. Hoje, de acordo com dados do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), já são sete as espécies extintas no país: arara-azul-pequena, tietê-de-coroa (pássaro), libélula, além de quatro tipos de borboleta. A lei brasileira classifica como crime inafiançável a utilização, perseguição, destruição, caça, transporte, compra ou venda de espécies em extinção relacionadas na lista oficial do MMA.

Considera-se que uma espécie está em risco de extinção quando o número de indivíduos existentes não consegue mais sobreviver na natureza. Esta avaliação é feita por estimativa, por equipes de pesquisadores, que realizam controles freqüentes em diferentes regiões do país. "Eles fazem o levantamento por área e avaliam quantos indivíduos de uma determinada espécie estão presentes, ou não, naquele espaço, e comparam sempre com pesquisas anteriores", explica Felipe Sardella, biólogo da equipe do Ibama.

Com o levantamento e a avaliação, as espécies são enquadradas em três categorias diferentes: criticamente em perigo, em perigo e vulneráveis. Todos os casos obedecem a critérios comuns relativos, entre outros itens, à redução do número da população em um determinado período, ao risco iminente de destruição de seu hábitat, ao número de indivíduos adultos e ao declínio contínuo do número de indivíduos em um determinado período de tempo.

Em todas as situações, o homem é o principal responsável pelo risco do desaparecimento das espécies. Além do desmatamento, que fragmenta o espaço e reduz a quantidade de alimento disponível, há a caça predatória, a exploração econômica de uma determinada região e o comércio ilegal de animais.

A fauna da região da Serra da Bocaina, no Rio de Janeiro, por exemplo, vem sofrendo com a exploração econômica do palmito. Muitas pequenas espécies, como roedores e formigas, que se alimentam do vegetal, estão desaparecendo. "A coleta seletiva de palmito em regiões da Mata Atlântica, feita por coletores que vendem para restaurantes, tem sido responsável pela extinção de vários animais que não comem nada além do palmito", observa Sardella. Como o vegetal faz parte de uma cadeia alimentar, a sua exploração representa um desastre para a fauna local. "Se uma determinada comunidade de macacos desaparece, tem, claro, uma perda genética, mas para o meio não é tão grave quanto a perda de uma espécie como o palmito, fonte de alimento de várias espécies", observa o biólogo.

O fato é que a natureza sempre se adapta e a vida sempre encontra uma forma de continuar existindo. Mas, ainda assim, preservar é fundamental. "A natureza não precisa necessariamente de uma explicação para ser preservada. Mas, é claro que a perda de uma espécie resulta numa perda genética e desequilibra um determinado ecossistema", sentencia Sardella.

Até a década de 1970 a idéia de preservação de áreas verdes, segundo o biólogo, esteve sempre associada ao valor de uso que as espécies tinham para o homem. Se em uma determinada área houvesse espécies interessantes para produzir medicamentos, por exemplo, a ▶

GNU FREE DOCUMENTATION LICENSE

A baleia jubarte está entre as espécies vulneráveis

MARCEL BURKHARD

Em Poço das Antas, Norte fluminense, há um projeto de preservação do mico-leão. Hoje, os animais já se reproduzem na mata

Bioma mais rico do mundo é um dos mais devastados

Do Rio Grande do Sul até o Piauí, diferentes formas de relevo, paisagens, características climáticas diversas e a multiplicidade cultural da população configuram essa imensa faixa territorial do Brasil. No entanto, existe um aspecto comum que dá unidade a toda essa região: o bioma[1] mais rico em biodiversidade do planeta: a Mata Atlântica. Ao todo, são 1.300.000km², ou cerca de 15% do território nacional, englobando 17 estados brasileiros, atingindo até o Paraguai e a Argentina. Somado à magnitude destes números, um outro dado modifica a percepção sobre a imensidão desse bioma: cerca de 93% de sua formação original já foram devastados.

Classificada como um conjunto de fisionomias e formações florestais, a Mata Atlântica se distribui em faixas litorâneas, florestas de baixada, matas interioranas e campos de altitude. É nessas regiões que vivem também 62% da população brasileira, cerca de 110 milhões de pessoas. Um contingente populacional enorme, que depende da conservação dos remanescentes de Mata Atlântica para o abastecimento de água, a regulação do clima, a fertilidade do solo, entre outros serviços ambientais. Obviamente, a maior ameaça ao já precário equilíbrio da biodiversidade é a ação humana e a pressão da sua ocupação e os impactos de suas atividades.

Pela extensão que ocupa do território brasileiro, a Mata Atlântica apresenta um conjunto de ecossistemas[2] com processos ecológicos interligados. As formações do bioma são as florestas Ombrófila Densa, Ombrófila Mista (mata de araucárias), Estacional Semidecidual e Estacional Decidual e os ecossistemas associados, como manguezais, restingas, brejos interioranos, campos de altitude e ilhas costeiras e oceânicas.

(Fonte: Portal SOS Mata Atlântica)

[1]**Bioma** – Grande comunidade estável e desenvolvida, adaptada às condições ecológicas de uma certa região, e geralmente caracterizada com um tipo de vegetação, como, por exemplo, a floresta temperada (*Dicionário Houaiss da língua portuguesa*).

[2]**Ecossistema** – Sistema que inclui os seres vivos e o ambiente, com suas características físico-químicas e as inter-relações entre ambos (*Dicionário Houaiss da língua portuguesa*).

região era preservada. A Mata Atlântica, foi sendo dizimada assim. Tornou-se uma área de ocupação da população que veio para o litoral. É impressionante que existam, hoje, apenas 7% da área total intactos (*veja o quadro*).

Projetos de preservação – O Ibama tem uma série de projetos de conservação. Alguns muito bem-sucedidos, como o da Reserva Biológica de Poços das Antas, na região do Norte Fluminense do estado. Lá, destaca-se a preservação da Mata Atlântica Costeira e seus ecossistemas associados, além de espécies da fauna e da flora, como o mico-leão-dourado. A unidade existe desde 1974 e hoje sua equipe comemora o fato de os pequenos micos já se reproduzirem no meio da mata.

Outro projeto conhecido é o Tamar, de preservação da tartaruga marinha. Há mais de 20 anos em ação, sua equipe ainda não conseguiu acabar com o risco de extinção das tartarugas, mas já conscientizou as populações de pescadores no sentido de não caçar mais os animais. "Antes era comum ver restaurantes que vendiam sopa de tartaruga. Hoje isso é raríssimo", observa Sardella. Ele explica que cada espécie demanda um tempo e uma estratégia de preservação diferenciados. O caso das tartarugas, por exemplo, é dificultado porque, apesar de se reproduzirem aos montes – acho que muitos de vocês já viram na TV as belas cenas do nascimentos das milhares de tartaruguinhas na praia, à noite –, a maior parte delas vira alimento de espécies maiores.

Em Seropédica, no estado do Rio, e em outras regiões do país, o Ibama mantém centros de triagem de animais silvestres (Cetas), cuja finalidade é receber, classificar e tratar animais resgatados e apreendidos pelos órgãos de fiscalização. Quando os animais chegam, são registrados com todas as informações possíveis (espécie, sexo, local onde foram encontrados, tempo de cativeiro, hábitat natural). Depois de examinados, eles ficam em quarentena e sob observação. O destino dos animais apreendidos, desde que não estejam na lista oficial das espécies ameaçadas de extinção, é preferencialmente os zoológicos, os criadouros registrados no Ibama, e os centros de pesquisa. Solturas são sempre que possível vinculadas a programas específicos de manejo para as diferentes espécies. Animais ameaçados de extinção são tratados de maneira especial, caso a caso.

Em parceria com a inciativa privada, o Ibama vem desenvolvendo o projeto Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Hoje existem em todo o país 426 RPPNs, perfazendo um total de 4.401,45 km². O Rio de Janeiro é um dos estados brasileiros, segundo Felipe Sardella, em que há mais aceitação do projeto. Ele reconhece que a população daqui tem uma consciência ambiental mais desenvolvida do que a de outros lugares do Brasil. Ponto *pra* gente! ■

STEFAN LAUBE

A preguiça ocorre em pelo menos cinco estados brasileiros e está ameaçada de extinção

O incrível mundo de Pinóquio

Pais e professores devem estar atentos às diferenças entre o que é fantasia e mentira na infância

Amigos invisíveis, histórias fantásticas, aventuras narradas em detalhes tão minuciosos que parecem reais. A imaginação infantil parece não ter mesmo limites. E é importante que seja assim. Afinal, a fantasia é parte essencial do desenvolvimento humano e deve permanecer conosco, ainda que, aos poucos, vá cedendo espaços cada vez maiores à realidade. Mas como precisar os limites entre o que é saudável fantasia e o que escapa para o perigoso terreno da mentira? Se criar tramas e enredos imaginários é natural nas crianças, como distinguir o momento em que uma historinha inventada pode ser sinal de que algo está errado? A diferença nem sempre é muito evidente, sobretudo em crianças até os seis ou sete anos de idade, etapa em que elas desenvolvem a capacidade de entender o que é uma mentira intencional. Estar atento ao comportamento das crianças, portanto, é fundamental para que pais e professores identifiquem a mentira e saibam como lidar com ela.

Não há pai que não ensine aos filhos que mentir é feio, errado e prejudicial. Na hora de recusar um convite indesejável, no entanto, uma dorzinha de cabeça fictícia é a primeira justificativa. E quem já não fugiu de um telefonema inconveniente pedindo aos filhos para dizerem que não estava em casa? No dia-a-dia, pequenas mentiras são usadas por todos para evitar embaraços, escapar de situações desagradáveis ou amenizar verdades difíceis de ser ditas. As crianças desde muito cedo percebem isso e passam também a criar as próprias estratégias, como ressalta a psicopedagoga Rita Thompson. "A mentira faz parte da construção do ser humano. Aos três, quatro ou cinco anos, se uma criança se vê diante de uma dificuldade, que exige adaptação para não perder algo ou desapontar alguém, ela cria uma mentira. Não diria nem que ela está mentindo, está na verdade deturpando algo para satisfazer uma necessidade imediata", explica Rita, que é supervisora do atendimento psicológico a crianças da Santa Casa de Misericórdia. ►

TEXTO
RENATA PETROCELLI
ILUSTRAÇÕES
ESCULTURAS DE
GUSTAVO CADAR

Ouvir uma criança com a boca ainda suja de chocolate dizer que não comeu o doce que a mãe havia proibido, portanto, não é motivo de preocupação. É claro que a desobediência e a tentativa de escondê-la merecem conversa e repreensão, mas nada que escape do habitual papel de mostrar limites e ensinar a importância de respeitá-los. Da mesma forma, a imaginação infantil pode criar histórias fantasiosas, o que é normal. O problema começa quando há exagero ou reincidência, que devem ser olhados com atenção. "A mentira é patológica quando se torna compulsiva. Se a criança só sabe se relacionar pela mentira, é preciso ver o que está deflagrando este comportamento", recomenda Rita.

Na opinião da psicopedagoga Cláudia Arbex, o mesmo raciocínio pode ser aplicado aos casos em que a criança abusa das histórias e comportamentos fantasiosos. Fantasiar é normal e saudável, mas a criança deve perceber os limites entre a fantasia e a realidade, divertindo-se com o que imagina, mas também voltando ao mundo real sempre que necessário. "Se ela demonstra dificuldades de entrar em contato com a realidade, fantasiando o que gostaria que acontecesse a todo momento, ou se passa a encarar as frustrações de uma maneira muito dolorosa e quase intolerável, esses podem ser sinais de que o mergulho na fantasia tornou-se pernicioso", ensina. A atenção deve ser redobrada se um desses comportamentos se manifestar em crianças acima dos seis anos, casos em que uma ajuda profissional pode ser indicada.

Origens do problema – Detectar o exagero com relação à mentira ou à fantasia depende da sensibilidade de pais e professores. Nem sempre é uma tarefa simples reconhecer que as historinhas cheias de detalhes curiosos, geralmente valorizadas como produto de uma imaginação criativa, estão passando dos limites. Ou que as pequenas deturpações da realidade já viraram sintomas da mentira compulsiva. No caso da mentira, a regra mais simples é tentar avaliar as intenções da criança, como explica Rita Thompson. "O que podemos chamar socialmente de 'mentira benigna' não compromete a integridade de ninguém. É diferente da mentira intencional, quando a idéia é prejudicar alguém".

Se o problema é o excesso de valorização do mundo fantasioso, a identificação é ainda mais difícil. "É comum os pais confundirem fantasia excessiva com criatividade. Na criatividade existe um fundamento, uma linha de pensamento, um plano da vida mental que é mais rico e exuberante que os demais potenciais da criança. Quando problemática, a fantasia atrapalha o desempenho da criança e prejudica suas atividades diárias, de aprendizagem e relacionamento social", esclarece Maria Irene Maluf, presidente da Associação Brasileira de Psicopedagogia. Em alguns casos, observar o relacionamento entre as próprias crianças, seja na escola ou em casa, entre irmãos ou amigos, ajuda a identificar a existência do problema. Isso porque, como destaca Cláudia Arbex, muitas vezes os colegas passam a segregar ou delatar a criança que mente indiscriminadamente. Além disso, se a mentira ou a fantasia forem excessivos, a criança geralmente se isola e apresenta um comportamento egocentrado ou autoritário.

Para começar a enfrentar o problema, o primeiro passo é identificar as causas. Uma criança que vive inventando passeios a lugares que não conhece ou faz listas enormes de objetos de consumo que sua família não possui, por exemplo, pode estar se sentindo inferiorizada em relação aos colegas. Uma educação muito rígida, por sua vez, pode levar os filhos a inventar pequenos feitos para não decepcionar os pais. "A criança pode ainda mentir por medo, por compensação ou por não conseguir realmente distinguir a fantasia da realidade, como é comum antes dos seis anos", exemplifica Maria Irene. Outro aspecto que pode explicar as mentiras e sobretudo o excesso de fantasia é a dificuldade em lidar com a realidade que se vive. Se a criança tem uma realidade muito dura e difícil, pode mergulhar cada vez mais fundo na criação de histórias e situações imaginárias, como um mecanismo de proteção e compensação.

Em todos os casos, é importante procurar a ajuda de especialistas. Na escola, os professores devem tentar conciliar as dificuldades com o grupo e evitar expor a criança de modo acusatório ou moralizador. No caso de a mentira ter criado um problema coletivo, como a acusação injusta de um coleguinha ou a invenção de histórias envolvendo um ou mais colegas, o assunto pode e deve ser discutido coletivamente, inclusive

fazendo-se uso de lendas ou literatura. "É importante conversar sobre a situação com todo o grupo, dividindo o problema e intermediando o levantamento de sugestões que apontem soluções. Mesmo com crianças bem pequenas é possível discutir questões que surgem a partir de problemas de relacionamento no grupo", defende Cláudia Arbex.

Nem sempre o professor está pronto, no entanto, para interferir em situações como esta. Uma atuação benéfica depende de muito mais que atenção e sensibilidade. Conhecer a história familiar e pessoal da criança é um aspecto ressaltado por Cláudia, para quem são essenciais intimidade, afeto e proximidade. No caso de ter sido identificado o sentimento de inferioridade como causa da mentira, o professor pode pesquisar, valorizar e incentivar o que a criança tem de melhor, como sugere Rita.

Por fim, um aspecto no qual o papel de pais e professores é fundamental é o exemplo. De nada adianta dizer à criança que não pode mentir se o relacionamento com ela é construído à base de promessas não cumpridas ou recheado das pequenas mentiras do dia-a-dia. Até as mentirinhas "inofensivas", como a providencial dor de cabeça ou a ausência inventada no momento de um telefonema inconveniente, são registradas pela criança. Se for necessário recorrer a elas, as crianças merecem uma explicação. ■

Zoom Em que situações vale a pena mentir?

Todo mundo sempre diz e ouve dizer que não é certo mentir. Difícil mesmo é encontrar quem nunca tenha mentido. Em geral, as pessoas tendem a achar que existem motivos que justificam pequenas e até grandes mentiras. NÓS DA ESCOLA foi às ruas perguntar aos cariocas em que situações eles mentem sem peso na consciência.

Tânia Maria Alvim • professora
– Acho que a mentira pode parecer necessária em determinados momentos, mas é a verdade que deve prevalecer sempre, por pior que ela seja. Às vezes as pessoas mentem para evitar um problema, mas acabam criando outro maior ainda.

Rose Kalid • arquiteta
– A mentira só se justifica quando não interfere muito na vida e na conduta das pessoas, quando é uma mentira social, branda, leve, que não atrapalha muito e é usada para evitar um contratempo ou uma situação desagradável. Não tenho o hábito de mentir, mas se for preciso eu minto mesmo.

Lenora Braga • professora
– Quando você descobre outra mentira primeiro. Aí acho que vale, porque você está jogando com as mesmas armas. Ou então quando não está a fim de sair e diz a um amigo que está com dor de cabeça, ou que tem muito trabalho para fazer.

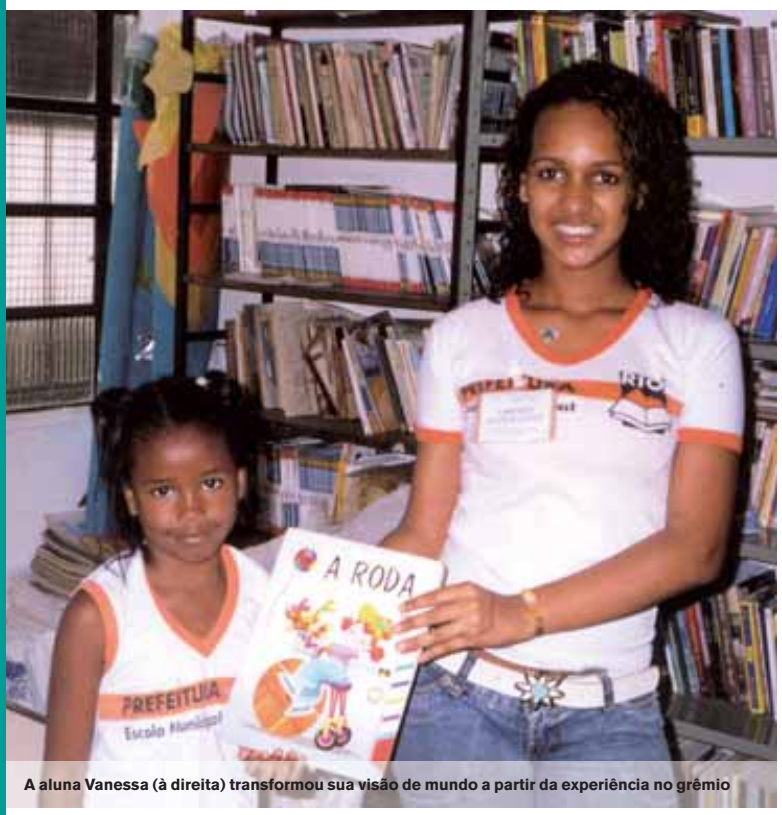
Edson Marques • gerente financeiro
– Quando é uma mentira necessária, para não ofender alguém. Se a mulher pergunta: "Estou bonita hoje?" Você diz: "Está. Está linda". Tem muitos casos em que a mentira é quase por piedade, para você não agravar um problema da pessoa.

Exercício político na escola

TEXTO
FÁBIO ARANHA
FOTO
DIVULGAÇÃO

Mostrar aos alunos a importância da representatividade e da participação na vida escolar para transformar a escola em um lugar melhor. Para alcançar estes objetivos, a 4ª CRE está apostando na atuação dos grêmios escolares. Vários projetos foram desenvolvidos no último ano letivo em diferentes escolas com os representantes do corpo discente. Para divulgá-los, a CRE publicou o *Almanaque dos grêmios estudantis*, lançado em novembro do ano passado e distribuído para todas as escolas e grêmios da coordenadoria. Cada sala de leitura das escolas da região receberá um exemplar.

O almanaque explica detalhes dos projetos executados pelos grêmios. No final, consta o telefone de todas as escolas, o que facilita a troca de informações e de experiências e o desenvolvimento dos projetos. "A partir do momento em que promove ações integradoras, você consegue saber o que está acontecendo na escola vizinha e divulga as suas próprias iniciativas. Este é um início importante para que todos vejam que um projeto bem-sucedido em uma determinada escola também pode dar certo em outra. Melhora a integração entre as escolas e entre os próprios grêmios", comenta a diretora Marisa Barros de Pinho, da E. M. Luiz César Sayão Garcez, localizada em Olaria, na Zona Norte da cidade.



A aluna Vanessa (à direita) transformou sua visão de mundo a partir da experiência no grêmio

Ela ressalta que o objetivo é valorizar a representatividade dos alunos e incentivar os grêmios a terem autonomia. "Os projetos que eles estão desenvolvendo são importantes para que comecem a canalizar a energia que têm para atividades produtivas. Os alunos que participam do grêmio hoje estão mais receptivos e mostram muita disposição para trabalhar", comemora.

Uma das ações que serão desenvolvidas este ano na escola e que conta com a liderança dos alunos do grêmio é a rádio-escola (*veja matéria na página 19*). Já na E. M. Francisco José de Oliveira Viana, localizada em Braz de Pina, Zona Norte da cidade, um dos projetos realizados no ano passado e capitaneados pelo grêmio, que está incluído no almanaque, foi o de grupos de estudos. Os alunos se inscreveram e compareceram voluntariamente às sessões realizadas na sala de leitura, de acordo com o interesse e dificuldades de cada um. Dessa forma, uns ajudavam os outros a estudar e aprender.

"Esse projeto começou em 2005, mas se chamava Monitoria e era coordenado pela professora da sala de leitura. Como ficamos sem essa professora no ano passado, o grêmio tomou a frente do trabalho, que passou a se chamar Grupo de Estudos. O Jorge, presidente do grêmio, era o responsável pela organização, pelo horário e pela sala. Eles mesmos se organizavam e resolviam as dificuldades. O resultado foi muito bom e o projeto continuará em 2007", explica a diretora, Suely de Lemos Morsch. Outros projetos também estão em curso, como o Banheiro, Local Agradável, um tipo de mobilização que pretende ressaltar a importância de cuidar dos sanitários da escola.

Para Jorge Fernando Santos de Souza, presidente do grêmio até o fim de 2006, o trabalho foi importante para ele perceber que podia mudar a realidade ao seu redor. "Eu aprendi

que nós não somos capazes de mudar tudo, mas alguma coisa é possível. Eu me animei para tentar melhorar sempre e mudar o que penso estar errado", comenta.

A coordenadora pedagógica da escola, Ingrid de Souza Portela, afirma que o trabalho no grêmio ensina aos alunos a importância da representatividade, para que seus direitos sejam respeitados. "Em poucos anos, eles terão idade para votar e consciência de que precisam ouvir propostas, participar e lutar por melhorias", diz. Além disso, ela destaca o legado que será deixado para a comunidade escolar. "Quando o aluno, fora de seu turno de aula, fica responsável por ajudar os colegas e por trazer melhorias para a escola, ele se sente parte integrante da unidade e passa a valorizá-la. Suas ações em prol da escola e dos colegas são uma semente que será cultivada pelos que virão depois dele. É um trabalho que se multiplica", ressalta.

Ela acrescenta que o grêmio é um elemento de ligação entre a direção, a coordenação e os alunos, que ajuda a desenvolver projetos, a organizar eventos, entre outras ações. "Para nós, às vezes, é difícil atender a todos os alunos. O grêmio faz esse intercâmbio. Ele trabalha as expectativas, as dificuldades e as idéias, e nós tentamos pôr em prática". Os projetos elaborados pelos alunos permitem que eles descubram e desenvolvam qualidades como liderança, responsabilidade e solidariedade. "Quando chegarem no ensino médio, na universidade ou no mercado de trabalho levarão isso com eles. Tenho certeza de que os alunos que passaram pelo grêmio vão participar de projetos em suas novas escolas", destaca Marisa.

Transformação – Ingrid frisa que o trabalho de diretores, coordenadores e professores com o grêmio também melhora a relação e o diálogo entre professores, direção, coordenação e alunos. "O nosso projeto político-pedagógico busca trabalhar a afetividade dentro da escola: do professor com o aluno, dos alunos com seus colegas e com a direção, enfim, entre todos da comunidade escolar. Um ganha a confiança do outro. Além disso, a partir desse trabalho voluntário, o aluno se sente parte integrante da escola e passa a respeitá-la como se fosse a sua casa. Ele servirá de modelo para que seus colegas façam o mesmo", enfatiza.

Essa transformação foi vivida por Vanessa Raquel de Almeida Laurindo, há dois anos presidente do grêmio da Oliveira Viana. Vanessa era uma aluna indisciplinada, com passagem turbulenta por várias escolas e algumas repetências em seu currículo. Dado o seu histórico, ela se disse surpresa com o convite para disputar as eleições. Ao iniciar sua gestão, não acreditava muito no trabalho do grêmio e pensou que teria apenas de participar de algumas reuniões e que não precisaria fazer muita coisa. Mas aos poucos sua visão mudou. "Eu entrei com um pensamento negativo, mas a experiência foi muito legal. O trabalho no grêmio me fez amadurecer muito. Aprendi a ter responsabilidade, a me comportar, e entendi que precisava ser um exemplo, para os outros alunos se espelharem em mim. Hoje, eu estudo na parte da manhã e reservo as tardes para a escola. É preciso que haja cooperação entre todos. É muito importante ouvir e não pensar que só você está certo", diz a estudante. ■

Deu certo

- O almanaque dos grêmios está dando visibilidade aos projetos das escolas da 4ª CRE e contribuindo para a troca de experiências.
- Os alunos do grêmio são exemplos para os colegas.
- O diálogo entre direção, coordenação, professores e alunos é intenso.
- Alunos do grêmio desenvolvem qualidades como liderança, iniciativa, perseverança, disciplina e solidariedade.

Poderia ser modificado

- As escolas poderiam dar maior independência aos grêmios para que desenvolvessem projetos por conta própria.
- É preciso integrar o trabalho das CREs, que também poderiam lançar almanaques para divulgar o trabalho dos seus grêmios e aumentar o intercâmbio.

Pelas lentes de uma criança

TEXTO
RENATA PETROCELLI
FOTOS
REPRODUÇÕES DE
ALBERTO JACOB FILHO

Todo mundo sempre ouviu falar que um bom livro abre um mundo novo aos olhos de quem o lê. Muitos confirmam esta afirmação na prática, mergulhando em histórias reais ou fictícias e vivenciando medo, suspense, alegria, surpresa e tantas outras emoções que a leitura é capaz de despertar. Mas será que existe um momento certo para a descoberta do livro? Um projeto desenvolvido na Creche Municipal Sonho Feliz, no Jardim Nossa Senhora das Graças, na Zona Oeste, comprova que nunca é cedo para este encontro mágico com as letras. Partindo da contação de histórias, recreadoras reuniram um acervo de literatura infantil na creche, incentivaram crianças de menos de dois anos de idade a manusear os livros, criar as próprias histórias ou recontar as já conhecidas e, por fim, elas se tornaram "co-autoras" do livrinho coletivo *Cadê nosso amigo lobo?*.

A gente sabe que ler atribui significado. A creche não alfabetiza, mas a leitura de mundo vem antes da leitura de palavras. Por isso exploramos o mundo da leitura e passamos a produzir histórias e até um livro com as crianças a partir das atividades desenvolvidas na creche", justifica Cristiane da Silva Brandão, recreadora que criou o projeto.

Cadê nosso amigo lobo? foi inspirado no livro *Cadê Clarisse?*, de Sônia Rosa, sempre presente na "rodinha" da creche, momento em que as crianças contam as novidades e o que fizeram em casa, expressam seus interesses e ouvem histórias. Mas a eleição do lobo como personagem principal tem outro motivo. Cristiane percebeu que as crianças do berçário 2, com idade média de um ano e 11 meses, andavam muito assustadas e apresentavam um medo excessivo de personagens típicos da literatura infantil, como o lobo mau, a bruxa ou a cuca. Em alguns momentos, o medo era tão grande que muitas não queriam participar de brincadeiras que reproduziam um passeio na floresta ou assistir aos vídeos do *Sítio do pica-pau amarelo*.

A idéia, então, foi mostrar que toda história pode ser recontada. E que nem todo personagem tem apenas uma faceta. "Eles já vivem numa comunidade agressiva e muito marcada pela violência. Quisemos fazer um trabalho afetivo, reconstruindo a imagem desses personagens e mostrando que todos têm um lado bom e um lado mau", explica Cristiane, que trabalhou em conjunto com as recreadoras Cléia Neves, Ednalda Pimentel e Márcia Valéria Silva. Em músicas, dramatizações e histórias contadas e recontadas, personagens que antes só despertavam medo começaram a ganhar traços mais amigáveis. Ao mesmo tempo em que descobriam que todos podem ser autores de suas próprias histórias, as crianças aprendiam a olhar de um modo diferente seu mundo de fantasia.

O lobo em pouco tempo se tornou o personagem que mais interesse despertava nas crianças. Isso porque as recreadoras levaram para a creche um lobo de pelúcia, que passou a acompanhá-las em todas as atividades. Depois de se tornar de fato um amigo, ele virou o personagem central da criação coletiva. O livrinho, composto por poucas frases, escritas pelas recreadoras, e ilustrações feitas com a participação das crianças, apresenta o lobo em situações vividas e contadas pelo grupo. Ele aparece em casa, no meio de um jardim, entre borboletas, escondido atrás de uma árvore, soltando pipa, fazendo um passeio de barco e descansando em uma rede. "O barco surgiu porque um dos alunos tem uma casa de praia e contou sobre um passeio. A rede, porque muitos vêm do Nordeste e têm redes em casa. Todas as situações surgiram de conversas na nossa 'rodinha'", explica Cristiane.

Alunos de dois anos da Creche Sonho Feliz produziram este livro coletivo

As crianças da Sonho Feliz ouviram muitas histórias e viram muitos livros antes de recriar o personagem do lobo mau

O trabalho também abriu espaço para conversas sobre hábitos e atitudes, que tiveram um resultado bastante positivo no relacionamento entre as crianças. Ao perceberem que até o lobo poderia ser bonzinho, elas passaram a entender que morder ou bater no coleguinha ou não querer emprestar um brinquedo, por exemplo, eram comportamentos que se aproximavam do lado mau dos personagens, enquanto o companheirismo e a amizade tinham a ver com o seu lado bom. O medo, por sua vez, também ficou de lado depois de um ano inteiro de trabalho tendo o lobo por companheiro. "O lobo virou realmente um amigo. Em casa, trocando de roupa, almoçando ou indo dormir, elas sempre estão falando para o lobo o que vão fazer e brincam muito uma com a outra falando nas historinhas que eles criaram", conta Daiane Neves das Chagas, mãe das gêmeas Daiana e Alexandra. Já Ana Carolina de Carvalho Barros, mãe de Hellen, ficou surpresa com o desenvolvimento da filha ao longo do ano. "Ela ficou mais independente, hoje não tem medo de nada. Além disso, estou sempre na creche, vejo os teatrinhos e as coreografias que eles fazem e fico admirada, pois parece coisa de criança muito maior", destaca.

Contato com os livros – Desenvolver nas crianças o gosto pela leitura não é uma preocupação nova na Sonho Feliz. A origem do

Deu certo

- A utilização de múltiplas atividades. As crianças se sentiam mais motivadas porque o trabalho envolveu música, dramatização e contação de histórias.
- A produção do livrinho coletivo. Sentindo-se parte do processo de produção do livro, as crianças valorizaram mais o trabalho e a própria participação nele.
- A influência positiva no relacionamento entre as crianças, que passaram a querer ser tão amigas e boazinhas quanto o lobo bom que elas descobriram.

Poderia ser modificado

- O envolvimento dos pais com as atividades realizadas na creche é muito importante e poderia ser mais incentivado.
- O projeto foi se desenvolvendo ao longo do ano, evoluindo além do que estava previsto no planejamento inicial. Como as crianças eram muito pequenas, as atividades ficavam um pouco restritas. Valeria planejar um projeto com continuidade, envolvendo desde as turmas menores até as maiores.

projeto, na verdade, vem de 2005, quando a diretora e as recreadoras se mobilizaram para enriquecer o acervo da creche. Depois, com verba da Prefeitura, compraram novos livros durante a Bienal e construíram uma sala de leitura, já que antes o acervo ficava instalado em uma estante no refeitório. Em pouco tempo, tinham montado não só uma biblioteca de literatura infantil, mas também uma videoteca e uma brinquedoteca. E passaram a trabalhar com as crianças a importância de manusear os livros com cuidado e carinho. "Manuseando um livro, a criança entende melhor o que é a leitura. Estamos ampliando cada vez mais a biblioteca, o que é um grande incentivo para as crianças", avalia a diretora, Ivana Martins de Lima.

A intenção, agora, é trazer cada vez mais os pais para as atividades da creche, para que o esforço tenha continuidade em casa. Cristiane lamenta não ter tentado envolver mais os pais na confecção de *Cadê nosso amigo lobo?*. Mas faz questão de mostrar o trabalho a eles.

Queremos que eles vejam o trabalho dos filhos e percebam a importância de lidar com eles de modo afetivo", ressalta. Para Ivana, o envolvimento dos pais também é fundamental. Tanto que ela tem tentado produzir para eles pequenas cartilhas com dicas essenciais para os cuidados do dia-a-dia com a casa e os filhos, despertando o interesse pela leitura através de algo extremamente prático. "Fazemos questão de mostrar que nosso trabalho não é só cuidar, lavar o bumbum ou dar a comidinha. Temos a preocupação de ensinar, mas o apoio dos pais é fundamental", ressalta Ivana. ■

Outras histórias

Crianças de todas as idades, e desde muito cedo, se encantam ao ouvir histórias. Muitas delas, enquanto vão crescendo, podem ter medo de certos personagens e de elementos que atribuem a eles que podem de fato ter uma relação direta ou não – apenas um elo imaginário. Ninguém duvida de que um grande chapéu preto, um nariz com verrugas e uma vassoura sejam objetos que ajudam a compor esse personagem muito assustador que é a bruxa. Mas será que é só isso? Como descobrir? Você pode montar um baú com coisas de bruxas ou de outros personagens de histórias encantadas para favorecer o enfrentamento de certos medos, abrir um espaço de troca de impressões sobre o que provoca medo em algumas crianças e não em outras, além de contribuir para que esses mesmos elementos possam ser ressignificados e incluídos em outras histórias.

A garantia de que tudo e todos voltam para o baú e que ficam ali trancados é na maioria das vezes muito atraente. Vamos começar? Cada criança pode trazer de casa, da rua, ou de onde puder coisas que possam ser de bruxas. Chapéu? Botas antigas de adultos? Perucas e unhas postiças? Uma panela velha? Livro de receitas? Tudo pode integrar esse baú desde que seja trazido por uma das crianças do grupo.

O professor pode combinar com as crianças de usar com naturalidade objetos retirados do baú para integrarem histórias de bruxas e também outras e novas histórias. E tantas outras poderão ser criadas a partir daí.

O próprio baú pode circular por outras turmas e pode também conter coisas de fadas e de bruxas, animais de plástico, fantasias que podem ajudar a compor personagens.

(Maria Inês Delorme)

Os fantasmas do Municipal

O vaivém misterioso e outras histórias do porteiro João Batista: 26 anos de dedicação ao teatro

Foi em pleno carnaval carioca que João Batista Ferreira chegou à Cidade Maravilhosa, aos 17 anos. Vindo de Simão Dias, cidade do sertão nordestino, ele saltou na rodoviária de Duque de Caxias, depois de oito dias de viagem, de um "ônibus-meio-pau-de-arara", para tentar a sorte como sapateiro e morar com o irmão, que há muito já havia se estabelecido no bairro da Abolição, Zona Norte do Rio. O ano era 1964 e o mês, fevereiro.

Ele se lembra da aventura que foi chegar até a casa do irmão: "Primeiro porque o ônibus quebrava muito e tínhamos que dormir na estrada. Depois, porque cheguei aqui sem conhecer nada e tomei ônibus, bonde e trem sozinho até a Abolição. De Caxias fui até a [estação da] Leopoldina, de lá para a Central e da Central até Cascadura, de onde segui a pé até o bairro onde morava meu irmão".

Deste carnaval pré-golpe militar já se passaram 43 anos e até se pode dizer que Seu João Batista, como é mais conhecido, teve sorte. Mas, para fazer justiça à história dessas quatro décadas de Rio de Janeiro, é melhor dizer que o sergipano, de voz meio arrastada, indício de seu jeito já carioca de ser, se esforçou muito para trilhar um caminho bem diferente de tantos outros migrantes nordestinos que chegam ao Sul com o ideal de uma vida melhor.

Às vésperas de se aposentar como porteiro lírico – é esta a função que consta em sua carteira profissional –, ele ensina: "Tive pouco estudo, não terminei o primário, mas ►

TEXTO
MARTHA NEIVA MOREIRA
FOTOS
ALBERTO JACOB FILHO

João Batista Ferreira

- Mora em Caxias na casa ao lado da do irmão
- É evangélico e torcedor do Botafogo
- Adora ir ao Maracanã, onde sempre viu torneios amadores e profissionais
- Nas horas vagas é pedreiro
- Come diariamente no café da manhã dois ovos com farinha e toma café

sempre procurei estar perto de pessoas de mais gabarito que eu, que sabiam se expressar melhor. Assim, fui aprendendo". E aprendeu, primeiro com o irmão, a fazer sapatos Luiz XV – os femininos e de salto alto. Com ele trabalhou durante 15 anos. Depois foi para um escritório aduaneiro no Centro e lá aprendeu a ser despachante. Por 11 anos se dedicou ao ofício de embarcar e desembarcar no Cais do Porto toda sorte de mercadorias. "Parecia que eu tinha muito estudo, mas na verdade tirava o máximo de mim e ficava sempre atento ao que os outros faziam".

Da região do Cais do Porto foi direto para a Cinelândia, mais especificamente para o Theatro Municipal. O *foyer*, Seu João Batista conheceu em 1981 e lá aprendeu a respeitar a arte. Logo nos primeiros dias se encantou com o espetáculo que viu e ouviu. "Jamais vou esquecer o momento em que assisti à ópera *Carmen*. Foi muito muita emoção porque não imaginei nunca que pudesse existir alguma coisa parecida com aquilo", lembra. E não imaginava mesmo, até porque quando passava em frente ao Municipal, em direção ao escritório que trabalhava no Centro, tinha a convicção de que ali naquele belo prédio funcionava uma igreja.

O fato é que o ritmo vigoroso de *Carmen*, a melodia forte da ópera, como ele mesmo diz, nunca mais lhes saíram da cabeça e acabaram abrindo caminho para outros encantamentos: "Adoro Mozart, Wagner e música clássica em geral. Acho que esse som nos faz ficar de alma leve, nos deixa aliviados de tudo". Hoje ele procura, sempre que pode, assistir ao ensaio geral das orquestras que se apresentam no teatro. Algumas vezes leva o mais velho dos três netos que cria, junto com a esposa e o filho. Segundo João Batista, o menino gosta muito quando têm a oportunidade de ver Roberto Minckzuk, o regente e diretor artístico da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), dando explicações sobre os instrumentos. Os netos, aliás, são a sua paixão. A eles, dedica todo o tempo livre.

Sua aposentadoria, planejada para os próximos meses, vai permitir a dedicação integral às crianças, mas vai também deixar saudade nos amigos de teatro. E são muitos. Desde bailarinos antigos da casa, como Denis Gray, que foi diretor da Escola de Dança Maria Olenewa e já é falecido, e Ana Botafogo, por quem tem um carinho especial, a vários outros colegas que reconhecem em João Batista um modelo de dedicação e respeito ao trabalho. "Eles enxergam que não sou apenas um rasgador de papel, como muitos porteiros de hoje, e que gosto do público e trato com zelo a todos os que vêm aqui, da frisa à galeria", observa.

Ele diz que também sentirá saudades, mas acredita que as lembranças das muitas histórias que viveu "na sua primeira casa" lhe servirão de consolo. No capítulo "histórias do teatro", Seu João Batista, aliás, é perito. Apesar de ter uma coleção delas, ele escolheu contar a mim, no final da entrevista, duas sobre o mesmo assunto: os fantasmas do teatro.

Ele começa dizendo que durante uma certa greve de bailarinos e outros funcionários, em que permaneceu guardando o teatro por 29 dias seguidos, ouviu algumas vezes uma das portas da portaria dos fundos fazer o vaivém sozinha. Ele tem certeza de que é o fantasma de Vicente Trota, um funcionário que gostava muito do ofício que desempenhava ali: a de ligar diariamente a refrigeração do teatro. "Quando já estava doente e não podia mais vir a pé até aqui, ele pegava um táxi, *saltava* na Rio Branco, entrava pela portaria dos fundos e seguia direto ao botão que ligava o maquinário e ia embora" lembra-se. Trota morreu, segundo o porteiro, adorando o teatro. Ele tem convicção de que nos dias de greve era o amigo que dava o ar da graça e lhe fazia companhia fazendo o vaivém da porta.

Outro fantasma célebre, segundo João Batista, é o de Luis Caroço, que foi afastado do trabalho após 40 anos de Municipal. "Ele adorava ficar sentado no teatro, olhando o palco. Quando foi trabalhar na Escola de Dança ficou muito triste e todas as tardes saia de lá e ia até o balcão simples. Ficava muito tempo ali. Acabou sendo afastado de vez e morreu de paixão por isso aqui".

Por via das dúvidas, Seu João Batista não entra nunca no teatro quando está escuro porque tem certeza que o tal Luis se senta no mesmo lugar do balcão simples até hoje. ■

Pólvora que virou semente

Em dois séculos de serviço à ciência, o Jardim Botânico é tido como uma das reservas da biosfera

Um lugar tão prazeroso não poderia começar de modo diferente: com um bom tempero. Há quase 200 anos, o príncipe Regente D. João criou o Jardim da Aclimação – depois batizado de Real Horto e finalmente Jardim Botânico – para aclimatar as especiarias que vinham das Índias Orientais. A beleza exuberante dos espécimes que ali se encontravam mais a agradável fragrância das especiarias já eram estímulos suficientes para os visitantes. Não é por acaso que hoje lá funcione o Jardim Sensorial[1].

Mas como as sementes vêm antes das árvores, vamos ao início: Dom João, em março de 1808, declarou guerra à França, mas estava belicamente frágil. Por isso, mandou seu ministro da Guerra pesquisar o lugar ideal para uma fábrica de pólvora no Rio, e este apontou um engenho em decadência. Por decreto, as terras foram desapropriadas e passaram a se chamar Real Fábrica de Pólvora da Lagoa.

De acordo com o historiador Milton Teixeira, para sorte dos cariocas, a maior parte do terreno estava sem uso e acabou servindo como um jardim-laboratório, onde foram testadas as sementes e mudas trazidas ao Brasil. Com isso, esperava-se lucro, não só com as especiarias mas também com a fruta-pão e o chá. "Oficialmente, a data de criação do Jardim Botânico é 13 de junho de 1808, mas esta é na verdade a data da desapropriação. O seu 'nascimento' ocorreu mesmo em 5 de março de 1811", revela Teixeira.

Para o chá, Dom João pediu sementes e agricultores chineses para o trabalho. Mas a diversidade de plantas teve uma ajudinha do destino. "Por coincidência, nessa época o oficial português Luiz de Abreu Vieira havia sido capturado por uma esquadra francesa e levado às Ilhas Maurício, na África. Vieira aproveitou a estadia forçada e saqueou o Jardim Gabrielle [reserva botânica famosa na época], voltando ao Brasil com 36 caixotes com sementes diversas. Uma delas plantada por Dom João ficou especialmente famosa: a palmeira conhecida como *Palma Mater*, que viveu até 1972, quando foi atingida por um raio", diz o historiador. Para que o Jardim Botânico tivesse o monopólio dessa espécie, o diretor (1829-51) Serpa Brandão mandava tirar e queimar todos os seus frutos. Ele só não sabia que o jardim tinha seus segredos... à noite, os escravos colhiam os frutos para ▶

A fachada do Jardim (1893), em foto de J. Gutierrez, que hoje pertence ao Museu Histórico Nacional

TEXTO
BETE NOGUEIRA
FOTO
REPRODUÇÃO

[1]Em colaboração com o Instituto Benjamin Constant, foi criado o Jardim Sensorial, há 12 anos, especialmente para pessoas portadoras de deficiência visual. A seleção de plantas baseou-se nas sensações a elas associadas. São temperos, plantas medicinais, de texturas diversas, de perfumes característicos e plantas aquáticas. O piso é apropriado para receber cadeiras de rodas e as plantas podem e devem ser tocadas.

SAIBA MAIS

NÓS DA ESCOLA n. 39, p 13-14 (seção *Carioca*)

Site do Jardim Botânico – www.jbrj.gov.br

SERVIÇO

Jardim Botânico

Endereço: Rua Jardim Botânico, 1.008. Informações: 3874-1808 / 3874-1214. de segunda a domingo, das 8h às 17h. Ingresso: R$ 4. Estacionamento: R$ 4. Crianças até 6 anos e adultos acima de 65 anos não pagam ingresso. Visitação guiada: agendar pelo telefone 2294-9349. As visitações deverão ocorrer no período de segunda a sexta-feira, entre 9h e 16h e podem ser feitas em português, inglês e espanhol. Para uma visitação sem agendamento será necessário verificar a disponibilidade no momento da visita.

depois vendê-los na "encolha". Foi assim que a espécie se dispersou pelo país, tornando-se mais conhecida até do que as palmeiras nativas. E ainda bem que a *Palma Mater* deixou herdeiros. Depois de fulminada, foi plantado em seu lugar outro exemplar, batizado de *Palma Filia*.

Negócio da China – Chineses da colônia portuguesa de Macau chegaram à cidade em 1810 para cultivar o chá: eram 300 homens (e nenhuma mulher). O então Real Horto Botânico prosperou bastante, sendo ampliado em 1817. Os asiáticos não deram muito certo, porque, ao contrário do que se esperava, não eram agricultores e sim prisioneiros. Estabelecidos no Alto da Boa Vista, eles vendiam as sementes para comprar ópio, que era fumado no lugar onde hoje está a Vista Chinesa.

Desta primeira leva, misteriosamente todos se mataram. Vieram outras, e até 1850 já havia chineses trabalhando em outras lavouras. Em 1991, Teixeira e sua equipe fizeram uma escavação arqueológica onde hoje fica o centro de recepção do Jardim Botânico e lá encontraram vestígios da passagem dos macauenses pelo local: cachimbos de ópio, louças e até um banco feita de lava vulcânica. As peças estão expostas no Museu Botânico.

Ao contrário do que divulga a história oficial, o plantio de chá deu certo, segundo o pesquisador: sua cultura chegou a abastecer a esquadra brasileira na época e até mesmo expandir-se para São Paulo (daí vem o nome do Viaduto do Chá, na capital paulista). A verdade é que a Inglaterra ficou incomodada com a ameaça ao seu monopólio, e exigiu que o governo português suspendesse o seu plantio, em 1819.

Altos e baixos – A aléia de palmeiras na parte da frente do Jardim foi plantada em 1842. Ou seja, há 165 anos elas testemunham as inovações e mudanças de comportamento dos cariocas. Em 1871, era comum o bonde que passava em sua entrada trazer famílias inteiras para desfrutar de seu verde para um piquenique ou festa.

A fabrica de pólvora, depois de uma explosão, foi transferida para Magé, em 1826, restando apenas as ruínas, na chamada Casa dos Pilões. Ou seja, o Rio ficou com a melhor parte, que foi registrando altos e baixos. No começo da República, houve uma ampliação da área, e a criação do orquidário, do bromeliário e do museu. A instituição foi pioneira na preservação de patrimônios: o que estava mal conservado pela cidade era levado para lá, como chafarizes e outras peças. Na década de 1920, uma parte das terras foi desapropriada para a criação do Jockey Club. A última grande ameaça sofrida pelo Jardim aconteceu em 1968: o general Pinto da Luz sugeriu que dois quintos do parque fossem transformados em conjunto habitacional para a população de baixa renda. Apesar da repressão da ditadura, houve manifestações populares e na imprensa, até que a idéia foi abortada.

Criado como um jardim secreto e funcionando assim até 1824, por ordem de Dom Pedro I, o local já recebeu diversos visitantes ilustres, como o cientista Albert Einstein e Elizabeth II, rainha do Reino Unido. Sua área é tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desde 1938, e a Unesco o definiu como uma das reservas da biosfera. As mais de oito mil espécies estão à disposição dos visitantes, seja ao ar livre ou em estufas. O centro de pesquisas abriga a mais completa biblioteca de botânica do país: são mais de 32 mil volumes!

Há ainda publicações próprias, a Escola Nacional de Botânica – a primeira no gênero da América Latina –, laboratório para programas de pesquisa, jardim japonês e lagos com vitórias-régias e ninfas. No Horto Florestal, são vendidas mudas e oferece-se orientação técnica para plantio, recuperação de áreas degradadas e arborização. No Centro Tom Jobim, o público tem acesso ao acervo do maestro e do arquiteto Lúcio Costa. ■

O nome da lagoa

E antes da chegada da Família Real? Vamos voltar à "pré-história" do Jardim: o local era conhecido como Lagoa de Sacopenapan, onde havia cinco aldeias de índios tamoios. "Nas escavações de1991, nós encontramos vestígios de duas delas", conta Teixeira. Esses índios tiveram um fim trágico: em 1575, o governador Antônio Salema, querendo terras para plantar cana-de-açúcar, jogou no terreno diversas roupas infectadas por doentes de varíola. Os índios usaram as tais roupas e foram dizimados. O local passou por outros donos, até que em 1702 a herdeira de toda a região que abrangia ainda Humaitá, Leblon e Lagoa, Petronilha Fagundes, de 31 anos, casou-se com o rapaz que cuidava de seus cavalos, Rodrigo de Freitas Castro, então com 16. Ao ficar viúvo, Rodrigo de Freitas resolveu dar seu nome à lagoa.

Duas coletâneas: uma sobre o carnaval, com contos, crônicas, letras de música e poemas assinados por um time de bambas da nossa literatura e música popular. A outra traça a trajetória do cinema, das origens aos dias atuais, através de textos que falam do construtivismo, do surrealismo e de tantas outras escolas que fizeram a história da sétima-arte no século XX. Completando a seleção do mês, dois bons momentos da literatura infanto-juvenil: um livro do cartunista e autor infantil Ziraldo Alves Pinto, que conta uma história passada no ano 3000 e fala de meninos que brincam de pular planetas; e outro, com assinatura de Leonardo Boff, que reuniu lendas indígenas que falam do amor, do fogo, dos pássaros, da morte, das estrelas e da sabedoria desses povos que casam o céu e a Terra.

Livros

Brasil, mostra a sua máscara
Fred Góes (org.)
Editora Lingua Geral, 2007
Chico Buarque, Noel Rosa, Machado de Assis, Vinicius de Moraes e Machado de Assis são alguns autores que formam esta coletânea. Organizado por Fred Góes, *Brasil, mostra a sua máscara* reúne contos, crônicas, letras de música e poemas sobre o carnaval. Nos textos deste livro, há muitos encontros; euforia e nostalgia se abraçam, alegria e morte sambam, animação e medo pregam sustos, entre muitos outros.

É uma antologia emocionante, que revela um painel variado no tempo e no espaço, com textos do clássico ao contemporâneo, do erudito ao popular.

Uma obra sobre o carnaval brasileiro não poderia ser diferente – integra muitas linguagens, muitos gêneros e muitas loucuras.

O menino da lua
Ziraldo Alves Pinto
Editora Melhoramentos, 2006
Zalén, o menino da Lua, queria muito ter amigos para brincar, mas se já era difícil encontrar amigos para brincar numa turminha de esquina, imagine numa turma espacial. Cada um deles, com a característica especial de seu planeta, tinha um motivo para não brincar com Zalén. Certo dia, aconteceu o inesperado: todos convidaram o menino da Lua para brincar de pula-planeta. Zalén foi o escolhido para começar a brincadeira e de repente fez algo que surpreendeu a todos.

História do cinema mundial
Fernando Mascarello (org.)
Editora Papirus, 2006
O livro concretiza uma proposta inédita no cenário brasileiro: apresentar um panorama horizontal da produção internacional dessa forma narrativa que chamamos cinema. O cinema das origens, o cinema clássico, o diálogo criativo do cinema com o construtivismo, o expressionismo, o surrealismo, as particularidades da vanguarda cinematográfica chamada impressionista, o cinema realista e seu coroamento no neo-realismo, a chegada da modernidade com a Nouvelle Vague, os novos cinemas, o retorno de Hollywood, os grandes autores e as grandes personalidades da história do cinema, o pós-modernismo e o cinema documentário: o cinema no século XX é o universo que esse livro se propõe a discutir de partida, um desafio elevado.

DIVULGAÇÃO

O casamento entre o céu e a terra – contos dos povos indígenas do Brasil
Leonardo Boff
Editora Salamandra, 2001
Todos os seres do universo formam uma unidade cósmica. Os povos indígenas já sabiam disso. O livro de Boff é dividido em duas partes. A primeira apresenta 30 contos indígenas de tribos brasileiras e a segunda, textos que evidenciam a contribuição dos indígenas ao Brasil e à globalização.

MULTIRIO na TV

canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio	14h-14h30	**Crônicas da minha escola** Série sobre Educação **Acervo MULTIRIO** Tons e sons	**Br@nché** (Língua Francesa) **Gerúndio e Cacófato** **Tempo e clima**	**Nós da Escola** Temas: Literatura oral, Santos Dumont, entre outros.	**Encontros com a Mídia** Convidados: Nádia Rebouças, João Madeira, entre outros.*	**Viajantes da História** Série que faz um passeio pela História	9h-9h30 **Cara de Criança** Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante	**Documentário especial** Papagaios amarelos (dia 4) Brasil em movimento – A guerra civil (11) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 1 (18) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2 (25)
	14h30-15h	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h **Contos de fadas poloneses** Narrativas animadas	
Net - canal 14	7h30-8h	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Documentário especial** Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2 (dia 4) Já não é sem tempo (11) Papagaios amarelos (18) A civilização do cacau (25)
	8h-8h30	**Séries e documentários** O mundo secreto dos jardins Aqui no meu país	**Cara de Criança** Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante Contos de Wilde	**Séries e documentários** Arte e Matemática É tempo de diversão As religiões do mundo	**Séries e documentários** Mesa brasileira Viajantes da História	**Cantos do Rio** MPB	**Cara de Criança** Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante Contos de Wilde	
	8h30-9h	É tempo de diversão As religiões do mundo				**Encontros com a Mídia** Convidados: Nádia Rebouças, João Madeira, entre outros.		**Atletas do Rio** **Gerúndio e Cacófato** **Memórias cariocas** **Aventuras cariocas**
	9h-9h30		**Como a arte moldou o mundo** Poder da imagem nas sociedades humanas	**Abrindo o Verbo** Temas: De jovem para jovem, entre outros.	**Nós da Escola** Temas: Literatura oral, Santos Dumont, entre outros.	**Crônicas da minha escola** Série sobre Educação	**Como a arte moldou o mundo** Poder da imagem nas sociedades humanas	**Abrindo o Verbo** Temas: De jovem para jovem, entre outros.
	9h30-10h	**Documentário especial** Já não é sem tempo (dia 5) Papagaios amarelos (12) A civilização do cacau (19) Brasil em movimento – A guerra civil (26)		**Aqui no meu país** Série sobre curiosidades culturais	**Arte e Matemática** Série que relaciona as duas áreas	**Viajantes da História** Série que faz um passeio pela História		**Nós da Escola** Temas: Literatura oral, Santos Dumont, entre outros.
	10h-10h30		**Noah e Saskia** Série australiana	**Atletas do Rio** **Gerúndio e Cacófato** **Memórias cariocas** **Aventuras cariocas**	**Cantos do Rio** MPB	**O mundo secreto dos jardins** Série sobre os habitantes desse ambiente	**Noah e Saskia** Série australiana	**Cantos do Rio** MPB
	10h30-11h	**Acervo MULTIRIO** O melhor da programação	**Acervo MULTIRIO** O melhor da programação	**Acervo MULTIRIO** O melhor da programação	**Acervo MULTIRIO** O melhor da programação	**Acervo MULTIRIO** O melhor da programação	**Acervo MULTIRIO** O melhor da programação	**Encontros com a Mídia** Convidados: Nádia Rebouças, João Madeira, entre outros.
	11h-11h30	**Videoteca** **Tempo e clima**	**Videoteca** **Tempo e clima**	**Videoteca** **Tempo e clima**	**Videoteca** **Tempo e clima**	**Videoteca** **Tempo e clima**	**Videoteca** **Tempo e clima**	**O mundo secreto dos jardins** Série sobre os habitantes desse ambiente
Net Educação	12h-12h30	**Reflets - Curso de Francês** **Gerúndio e Cacófato**	**Reflets - Curso de Francês** **As formas do invisível**	**Reflets - Curso de Francês** **Gerúndio e Cacófato**	**Reflets - Curso de Francês** **As formas do invisível**	**Br@nché** (Língua Francesa) **Gerúndio e Cacófato**	**Assista a nossa programação também na TV Alerj (canal 12 da Net), de segunda a sexta-feira, das 8h às 10h e das 21h às 22h, e aos sábados e domingos, das 20h às 22h.**	
	12h30-13h	**Arte e Matemática** Série que relaciona as duas áreas	**Mesa brasileira** Série sobre cultura e hábitos alimentares	**Viajantes da História** Série que faz um passeio pela História	**Documentário especial** Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte 2 (dia 1º) Ecce homo – Homens e mulheres (8) Papagaios amarelos (15) A civilização do cacau (22) Brasil em movimento – A guerra civil (29)	**Aqui no meu país** Série sobre curiosidades culturais		
	13h-13h30	**Encontros com a Mídia** Convidados: Nádia Rebouças, João Madeira, entre outros.	**O mundo secreto dos jardins** Série sobre os habitantes desse ambiente	**Crônicas da minha escola** Série sobre Educação		**Nós da Escola** Temas: Literatura oral, Santos Dumont, entre outros.		
	13h30-14h	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados	**Rio, a Cidade!** Programa de entrevistas com temas variados		

Programação sujeita a alterações. Para mais informações, consulte www.multirio.rj.gov.br. * Exceto no dia 1º, quando será exibido *Aqui no meu país*, episódio *Brasil com Laura*.

Com a Prefeitura do Rio é de lei: ninguém interrompe os estudos.

Criação SEPROP | PREFEITURA DO RIO

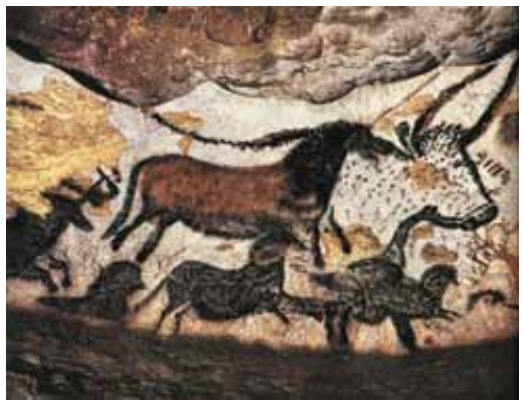
Apoio ao Aluno

O programa que já levou ao ensino médio cerca de 1.000 alunos.

A Prefeitura do Rio criou oportunidade a alunos que cursaram, no mínimo, 3 anos do ensino fundamental, da rede do Município, de voltarem a estudar em escolas particulares. Para isso, criou o Apoio ao Aluno. O programa de ensino médio que existe há 4 anos e já atendeu cerca de 1.000 alunos em 64 escolas credenciadas. Com uma taxa de aprovação de quase 100%.
É assim que os adolescentes vão longe com a Prefeitura do Rio.
E a Prefeitura do Rio vai longe com a educação.

RIO PREFEITURA
EDUCAÇÃO

www.rio.rj.gov.br



NÓS DA ESCOLA

No próximo número: **narrativa visual**

RIO PREFEITURA
EDUCAÇÃO MULTIRIO

central de atendimento: (XX21) 2528 8282 • ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br